



1290001942

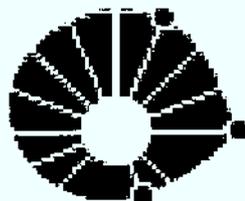


FE

TCC/UNICAMP B752e

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso



UNICAMP

Bib id 343874

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	7001
	B-52 e
V:	EX:
TOMBO	1542
PROJ	86/2005
C:	X
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	30.03.05
Nº CPD:	

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Brentari, Carla de Carvalho.
B752e Educação e saúde na imprensa paulista : O Instituto de Higiene no jornal
"O Estado de São Paulo" – (1918-1924) / Carla de Carvalho Brentari. --
Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Heloísa Helena Pimenta Rocha.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação – História. 2. Saúde. 3. Imprensa. I. Rocha, Heloísa
Pimenta. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.
III. Título.

04-215

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Carla de Carvalho Brentari

**EDUCAÇÃO E SAÚDE NA IMPRENSA PAULISTA: O INSTITUTO
DE HIGIENE NO JORNAL “O ESTADO DE SÃO PAULO” (1918-1924)**

**Campinas
2004**

2005 23:43

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Heloisa Helena Pimenta Rocha (primeira leitora)

Profª Drª Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho (segunda leitora)

Agradecimentos

À Profª Heloísa Helena Pimenta Rocha pela disposição com que me orientou durante todo o trabalho. Pelas críticas construtivas que me fizeram amadurecer pessoal e academicamente. Pela postura séria e pelo companheirismo demonstrado durante esta longa, mas gratificante jornada. Meus mais sinceros agradecimentos.

À Profª Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho pela oportunidade que me deu de aperfeiçoar o meu trabalho e de aprender mais quando aceitou ser a minha segunda leitora. É muito gratificante saber que o meu trabalho foi lido por uma profissional tão séria e competente.

Aos meus amados pais, Thani e Roberto, pela paciência e compreensão nos momentos em que mais precisei. Pela força que sempre me deram quando pensei em desanimar. Pelo amor e carinho que sempre demonstraram ter..., por tudo isso, mas principalmente por sempre acreditarem em mim! Orgulho-me de ter vocês como pais!

À minha querida e amada irmã, Thaís, pelas palavras de incentivo, pela paciência constante nos momentos difíceis. Muito obrigada por acreditar em mim, por me amar e por estar sempre ao meu lado. É muito bom tê-la como irmã!

Aos meus avós, Ronald e Maria Aparecida pelo carinho e zelo que recebi durante toda a vida e que me fazem sentir tão querida. Agradeço por acreditarem em mim sempre!

A Hildo Neto por acreditar em mim desde o primeiro momento em que nos conhecemos. Por me proporcionar tantas alegrias e estar sempre ao meu lado, me incentivando e me apoiando.

A todos os meus professores, desde a Educação Infantil até a Universidade. Hoje, mais do que nunca, reconheço a importância destes em minha vida.

A todos que participaram e participam da minha vida de infinitas formas...

Dedico este trabalho a minha mãe, que esteve presente em todos os momentos da minha vida. Desde os primeiros sorrisos até as descobertas que fizemos juntas na profissão que escolhemos. É muito bom compartilhar minha vida pessoal e profissional com você!

“(…) verificadas as melhores condições do habitat, para ele encaminhemos o homem sanitariamente educado”.

Geraldo Horácio de Paula Souza

SUMÁRIO

RESUMO	p. 01
APRESENTAÇÃO	p. 02
INTRODUÇÃO	p. 04
CAPÍTULO I – “O jornal <i>O Estado de São Paulo</i> e a difusão de um novo modelo de sociedade”	p. 07
1. <i>O Estado de São Paulo</i> como fonte	p. 07
2. Higiene e saúde pública na imprensa	p. 12
CAPÍTULO II – “O Instituto de Higiene de São Paulo: um projeto partilhado por norte-americanos e elites paulistas”	p. 19
1. A Fundação Rockefeller no jornal “Estado de São Paulo”	p. 19
2. O Instituto de Higiene nas páginas do jornal <i>O Estado de São Paulo</i>	p. 34
3. Propaganda Sanitária na Imprensa	p. 44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 51
BIBLIOGRAFIA	p. 54
ANEXOS	p. 58

RESUMO

Este trabalho articula-se aos objetivos de compreensão do processo de criação do Instituto de Higiene e da sua atuação em São Paulo, na medida em que busca investigar o papel atribuído à imprensa e, mais especificamente, ao jornal *O Estado de São Paulo*, na legitimação da atuação dessa instituição, privilegiando o período entre 1918 e 1924. Período que corresponde à criação do Instituto, como resultado de um acordo entre o Governo do Estado de São Paulo e a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller, e à sua oficialização, como órgão diretamente subordinado à Secretaria dos Negócios do Interior. Tal investigação procurou levantar, catalogar e analisar as matérias produzidas no âmbito dos embates que cercaram a criação e oficialização dessa instituição, como também o material de divulgação produzido pelo Instituto, dedicando especial atenção ao material de propaganda sanitária voltada para a educação sanitária do povo e inculcação de hábitos de higiene. Por meio do trabalho de coleta de dados foi possível localizar importantes informações, as quais, no seu conjunto, permitem afirmar que esta instituição encontrou nesse órgão da imprensa um veículo de circulação que possibilitou colocar ao alcance da população as novas formas de viver e se comportar, propaladas por higienistas e sanitaristas, contribuindo para a divulgação das suas propostas no campo da higiene e saúde pública, o que pode ter criado um cenário favorável à sua oficialização.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é fruto de um Projeto de Iniciação Científica, desenvolvido entre agosto de 2003 e julho de 2004, com financiamento do CNPq. Está articulado aos estudos que vêm procurando examinar as relações entre educação, higiene e saúde pública nas décadas iniciais do século XX e vincula-se ao projeto que vem sendo desenvolvido pela Prof^a Dr^a Heloísa Helena Pimenta Rocha, intitulado *Higiene, Educação Escolar e Infância*.

A pesquisa teve como objetivos: investigar a divulgação das questões de higiene e saúde pública no jornal *O Estado de São Paulo*, no período compreendido entre 1918 e 1924, como uma das possíveis estratégias acionadas pelo Instituto de Higiene de São Paulo, com vistas a legitimar a sua atuação no campo da saúde pública; analisar os processos de produção e circulação da mensagem da higiene e o seu papel no processo de legitimação de uma nova forma de intervenção em saúde pública; levantar, catalogar e disponibilizar fontes que permitam analisar a difusão do discurso higienista produzido pelo Instituto de Higiene de São Paulo.

O trabalho procurou interrogar sobre a forma como a imprensa, por meio da publicação de matérias relacionadas à criação e oficialização do Instituto de Higiene e da divulgação da propaganda sanitária produzida no âmbito dessa instituição, contribuiu para a legitimação de determinadas concepções e iniciativas no campo da saúde pública. Concepções e iniciativas que se articulavam em torno do objetivo de formação da consciência sanitária, por meio da educação sanitária. Assim sendo, o trabalho buscou, também, oferecer elementos para a compreensão da forma como a imprensa tem participado historicamente da difusão de novos valores e novas concepções que passam a orientar a vida da sociedade.

O levantamento e revisão bibliográfica buscaram reunir elementos que possibilitassem aprofundar a compreensão das aproximações entre educação e higiene, nas primeiras décadas do século XX, dando ênfase às questões que envolveram a criação e oficialização do Instituto de Higiene de São Paulo; criação esta proveniente de um acordo estabelecido entre a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller e o Governo do Estado de São Paulo, em 1918.

O trabalho de coleta de dados realizou-se no Arquivo Edgard Leuenroth, localizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. O acervo do arquivo conta com todas as edições microfilmadas do jornal *O Estado de São Paulo* referentes ao período estudado. Procurei rastrear, no jornal, tanto notícias sobre o Instituto de Higiene, como material de divulgação produzido pela instituição, dedicando especial atenção ao material de propaganda sanitária voltada para a educação sanitária do povo e inculcação de hábitos de higiene.

A coleta de dados foi acompanhada da organização de fichas de leitura, contendo informações sobre a data e página em que a notícia foi publicada, a sua localização no jornal, o título da notícia, assim como uma reprodução na íntegra ou um resumo dos assuntos tratados. As fichas foram organizadas em dois grupos: o primeiro reuniu as notícias referentes à chegada da Missão Rockefeller ao Brasil, diretamente ligada às iniciativas que resultaram na criação e oficialização do Instituto de Higiene de São Paulo; já o segundo grupo constituiu-se de matérias referentes à educação, higiene e saúde.

Neste segundo conjunto, encontra-se grande parte do material produzido pelo Instituto de Higiene de São Paulo, sob a forma de cartazes e anúncios, além de matérias ligadas à propaganda e educação sanitária. As matérias deste grupo dividem-se, com maior frequência, entre as colunas *Notícias Diversas* e *Notas e Informações*, trazendo dados sobre o saneamento do nosso país, os progressos da educação higiênica, informações sobre cursos de higiene oferecidos pelo Instituto, como também notícias sobre a reforma da saúde pública e suas implicações.

A catalogação das matérias permitiu identificar os espaços do jornal em que estas discussões circularam, assim como os períodos em que houve uma maior concentração de notícias. Foi possível perceber, também, por meio da análise destes dois conjuntos de matérias, de que forma o processo que implicou na criação e posterior oficialização do Instituto apareceu nas páginas do jornal.

INTRODUÇÃO

Pensar na cidade de São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XX implica em voltar o olhar para as inúmeras transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais a cidade passou em um curto espaço de tempo. Dando lugar a suntuosos prédios, as construções arquitetônicas simples que povoavam o centro da cidade foram se tornando cada vez mais escassas, ao mesmo tempo em que surgiam novos meios de transporte, as indústrias e o comércio cresciam em um ritmo acelerado, incrementando a economia do Estado. Progresso e civilização! Duas palavras que sintetizam os objetivos que orientaram as ações voltadas para remodelar a cidade, livrando-a dos ares provincianos para constituí-la em uma metrópole. Estas mudanças foram dando uma nova configuração à cidade, que passou a atrair um número crescente de imigrantes de diversas nacionalidades, como também de migrantes nacionais.

As rápidas transformações se fizeram acompanhar de inúmeros problemas, dentre eles um número crescente de doenças que, de acordo com a visão que ganhava força no período, se proliferavam devido aos hábitos pouco asseados da população, vivendo em grande parte em condições miseráveis. Insalubridade, ignorância, imoralidade e miséria são alguns dos elementos que se associam nas análises sobre os problemas urbanos, vistos como ameaças à ordem, ao progresso e aos sonhos de modernização da cidade. Deixar para trás as características provincianas e fazer de São Paulo uma metrópole exigiu, desse modo, a produção de novas estratégias de intervenção capazes de enfrentar os problemas decorrentes do intenso crescimento populacional (Rocha, 2003).

Como um dos alvos dessa intervenção, figurou a possibilidade de modificação dos hábitos e costumes da população pobre, os quais passariam a ser considerados como viciosos e ameaçadores, na medida em que seriam a principal causa da doença, da pobreza, da desordem ou do atraso. É nesse contexto que surgem novos agentes sociais, ao mesmo tempo em que são criadas instituições cujos objetivos se voltavam para a racionalização e higienização da população. Dentre essas instituições, este trabalho buscou investigar aspectos ligados à atuação do Instituto de Higiene de São Paulo, criado em 1918, como resultado de um acordo entre o Governo do Estado de São Paulo e a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller, tendo em vista o provimento da cadeira de Higiene da

Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Figura central na articulação da reforma sanitária paulista de 1925, também conhecida como Reforma Paula Souza, o Instituto de Higiene se voltou para a formulação de um modelo de intervenção que tinha como eixo a educação sanitária, de modo a forjar a consciência sanitária do indivíduo (Rocha, 2003).

A oficialização do Instituto de Higiene, em 1924, como órgão autônomo, vinculado diretamente à Secretaria dos Negócios do Interior, com amplos poderes na formulação da política sanitária, fez-se em meio a um cenário de discordâncias e oposições, principalmente por parte do já existente Serviço Sanitário, que via nessa iniciativa uma ameaça à sua autoridade, na medida em que implicava numa redução dos seus poderes. Suas ponderações procuraram chamar a atenção para as novas concepções defendidas pelo Instituto de Higiene e os objetivos de centralização em matéria de saúde pública, que orientavam a sua atuação.

Em meio às oposições que marcaram a sua criação e que, de certa forma, emperraram o processo de oficialização, o Instituto lançou mão, por um lado, de um conjunto de estratégias no sentido de divulgar e tornar legítimas as suas concepções e iniciativas no campo da saúde pública e, por outro, de caracterizar como obsoletas e retrógradas as iniciativas até então implementadas. Dentre essas estratégias, procuramos investigar aquelas que envolveram o uso da imprensa, notadamente do jornal *O Estado de São Paulo*.

Este trabalho articula-se aos objetivos de compreensão do processo de criação do Instituto de Higiene e da sua atuação em São Paulo, na medida em que busca investigar o papel atribuído à imprensa e, mais especificamente, ao jornal *O Estado de São Paulo*, na legitimação da atuação dessa instituição, privilegiando o período entre 1918 e 1924. Tal investigação procurou levantar, catalogar e analisar não apenas as matérias produzidas no âmbito dos embates que cercaram a criação e oficialização dessa instituição, mas também o material de divulgação produzido pelo Instituto, dedicando especial atenção ao material de propaganda sanitária voltada para a educação sanitária do povo e inculcação dos hábitos de higiene.

O trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo, discuto a importância do jornal *O Estado de São Paulo* enquanto fonte documental impressa, explicitando o contexto político no qual estava inserido este órgão da imprensa paulista no

período. Apresento, ainda, um “mapeamento” das notícias sobre higiene e saúde pública, destacando as colunas em que são publicadas, a frequência com que aparecem e os títulos das matérias.

O segundo capítulo apresenta e discute as matérias localizadas nas páginas do jornal em relação às temáticas higiene e saúde pública, dando destaque àquelas que se referem à trajetória da Missão Rockefeller no Brasil, à criação e oficialização do Instituto de Higiene de São Paulo, como também à propaganda sanitária publicada pelo periódico.

Finalizando o trabalho, mas não encerrando a discussão, a qual ainda encontra muitos aspectos a serem explorados, abordo, nas considerações finais, a forma como o jornal *O Estado de São Paulo* participou do processo de legitimação da atuação do Instituto de Higiene de São Paulo, procurando compreender de que forma esta instituição encontrou nas páginas do periódico um espaço propício para a concretização da sua oficialização.

CAPÍTULO I

O jornal *O Estado de São Paulo* e a difusão de um novo modelo de sociedade

1. *O Estado de São Paulo* como fonte

O privilegiamento de determinados objetos de investigação e de determinadas fontes tem sido uma das marcas dos estudos históricos no Brasil. A possibilidade de dirigir um novo olhar e interrogar outras fontes disponíveis vem sendo delineada com o surgimento da nova historiografia, que tem assinalado a importância de dar atenção à materialidade das práticas, dos objetos e de seus usos. Desse modo, documentos antes vistos apenas como meio de confirmar análises apoiadas em documentação oficial passam a ser considerados como fontes e objetos de estudo, contribuindo para despertar o interesse pela análise de novos temas, que dão origem a novos campos de pesquisa, voltados para a investigação das práticas culturais, seus sujeitos e seus produtos.

Nessa perspectiva, a utilização do jornal como fonte documental para os estudos históricos e, mais especificamente, para os estudos no campo da História da Educação pode trazer contribuições importantes para a análise crítica de um determinado período histórico, oferecendo elementos para a superação das tendências que vêem o jornal como mero veículo de circulação de informações e idéias, como um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, isolado da realidade político-social na qual se insere. O jornal e a imprensa como um todo passa a ser entendido, assim, como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social. De acordo com Dias, o jornal precisa ser visto como um *“produto cultural produzido por sujeitos históricos determinados e inseridos em um contexto histórico também determinado”* (1999: 22).

É preciso estarmos atentos, como nos lembra Pallares Burke (1980), para não considerarmos como verdade absoluta, inquestionável, como um retrato fiel da realidade aquilo que está escrito e registrado nos impressos, visto que estes sempre seguem uma linha ideológica e política que, de uma maneira ou de outra, interfere tanto nos textos como na opinião dos leitores. Isto não quer dizer que o jornal não retrate os acontecimentos da sociedade ou que não seja uma fonte documental bastante confiável, mas sim que é

necessário que o pesquisador dirija um olhar crítico para todos os fatores que influenciaram a sua produção. Assim, a dimensão política do jornal deve ser sempre considerada, o que possibilitará ir além da sua função meramente informativa, enxergando-o como um órgão modelador da opinião pública.

Uma importante função do jornal, destacada por autores como Capelato, é a de auxiliar na compreensão e na reconstituição das condições de vida dos nossos antepassados, sujeitos estes muitas vezes anônimos e silenciados:

O passado é, sem dúvida, o objeto do historiador, mas hoje se admite que esse objeto é construído e reconstruído tendo em vista as necessidades e perspectivas do presente. Nas leituras e releituras do passado há constantes perdas e ressurreições. É em função da vida que se interrogam os mortos. Compete, pois, ao historiador fazer reviver as personagens do passado, procurando entendê-las na sua época. Com essa nova postura, a história morta cede lugar a uma história viva que se propõe, como meta, captar as transformações dos homens no tempo. A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os ilustres mas também os sujeitos anônimos (1994: 20-21).

Mais do que oferecer informações sobre a sociedade, trazendo dados acerca de seus usos e costumes, as questões econômicas e políticas, o jornal permite reconstruir toda uma trajetória histórica, que envolve sujeitos também historicamente determinados. Levando em consideração esses aspectos, a opção por privilegiar o jornal como fonte parte do pressuposto de que é possível reconstruir as realizações e experiências dos agentes envolvidos nas iniciativas que se pretende compreender, por meio do levantamento de dados e informações produzidos por eles e/ou sobre eles.

O jornal teria, de acordo com Almeida, características particulares que lhe permitem reconstituir uma época histórica, trazendo de volta à cena seus atores, revelando aspectos significativos por eles vivenciados:

Ao compor, às vezes, de maneira fragmentada, dadas as dificuldades práticas da pesquisa, o discurso de uma época, a imprensa periódica revelou a voz de cada ator na sua cotidianidade e no tempo histórico ao qual emprestou significação pela via do discurso escrito. Esse discurso, diferentemente do discurso oral, apresenta características de perenidade ao fixar-se pela palavra impressa que, por sua vez, permite fazer emergir atores que já não podem dar seu testemunho sobre aquilo que viveram e realizaram e, principalmente, sobre o que refletiram e experienciaram. Esses atores puderam, num processo de ressurreição, tornar à cena e ao mundo no qual, de uma forma ou de outra, deixaram sua marca (1996: 100).

Em sua obra *Os Arautos do Liberalismo*, Capelato traz importantes contribuições para a problematização dessa fonte, na medida em que busca refletir sobre o significado do jornal, concebendo-o como um instrumento de manipulação de interesses, o que implica compreendê-lo enquanto agente da história. Explicitando os objetivos do estudo que desenvolveu, tomando como fonte *O Estado de São Paulo*, a autora assinala: “procuro, portanto, reconstituir a inserção da imprensa na história, captando o movimento vivo das idéias e dos personagens que nela se encontram” (1989: 12).

O Estado de São Paulo apresentaria, de acordo com Capelato e Prado, algumas características particulares, se considerado o quadro da imprensa brasileira, o que faria dele um objeto de estudo privilegiado. Dentre estas características, as autoras destacam “sua constância e coerência na trajetória de defensor dos postulados liberais; sua constante autodefinição como órgão de oposição aos governos constituídos” (1980: XIX), além de sua permanente preocupação política, o que fazia e ainda faz dele um órgão modelador da opinião pública.

O jornal *A Província de São Paulo*, que após a proclamação da República passaria a denominar-se *O Estado de São Paulo*, foi fundado em 1875 como um canal de defesa das idéias republicanas sem, no entanto, se constituir em um porta-voz oficial do Partido Republicano Paulista. Os representantes do jornal *O Estado de São Paulo* procuraram, desde o início, dar a ele um caráter de relativa independência diante dos governos e partidos políticos, pois acreditavam que a não-vinculação a governos e partidos possibilitaria exercer livremente o papel de crítico da situação vigente, com base na crença de que, nas

democracias, “a imprensa é o único tribunal capaz de chamar a contas os governos que abusam” (*O Estado de São Paulo*, 9-10-1929, apud Capelato e Prado, 1980: 24).

Segundo as análises do jornal, a sociedade paulista estava dividida em classes, com grupos sociais bastante definidos: os lavradores, os industriais, os operários e, por fim, os funcionários. A cada um destes grupos era atribuída uma importância variável na escala social, o que podia ser percebido por meio dos adjetivos empregados pelo periódico para caracterizá-los: “graduados”, “brilhantes”, “obscuros” ou “ínfimos”. Deste modo, a estrutura da sociedade era definida, pelos representantes do jornal, por meio da hierarquização desses grupos, situando-se, na base, os trabalhadores rurais e os operários urbanos e, no topo, as chamadas “elites intelectuais”.

Ainda de acordo com Capelato e Prado (1980), se fizermos uma retrospectiva histórica sobre o percurso do jornal *O Estado de São Paulo* poderemos verificar que este jornal olhava não para o Estado ou para as classes dominantes e suas aliadas, mas sim, para as classes trabalhadoras. Essas mesmas autoras chamam a atenção, no entanto, para a atitude ambivalente do periódico com relação ao operariado e suas manifestações. Em uma primeira fase, o surgimento das greves foi tratado por este órgão da imprensa a partir de uma perspectiva reformista, até mesmo tolerante. É nesse sentido que pode ser lida a cobertura dada pelo jornal ao Primeiro Congresso Socialista Brasileiro, em 1902, que se configurou num relato detalhado dos acontecimentos da reunião, publicado durante cinco dias. Assim, para o jornal, a classe operária merecia atenção, apesar da sua fragilidade, podendo, inclusive, apresentar propostas de legislação social, desde que não recorresse à violência. No entanto, cabe destacar que, apesar dessa e outras manifestações de “simpatia”, o jornal *O Estado de São Paulo* não dava indicações de abertura possível para a classe operária.

A inserção do jornal no debate político era clara. O modelo político defendido pelo periódico e considerado “ideal” para o país tinha como base os princípios liberais. O direito à propriedade, assim como a defesa da autonomia dos Estados eram alguns dos sustentáculos da doutrina liberal, constituindo-se em conceitos maiores na ideologia do jornal. A configuração da experiência de outros países, como os Estados Unidos, por exemplo, enquanto experiências modelares, também fazia parte da ideologia que orientava a atuação do periódico.

Deste modo, *O Estado de São Paulo* sempre se mostrou favorável à entrada de capitais estrangeiros no país, o que se justificaria pela situação na qual o Brasil se encontrava no período, sendo os capitais próprios considerados insuficientes para o seu desenvolvimento, segundo as análises do periódico. A idéia de equiparação do Brasil aos Estados Unidos gerou inúmeras discordâncias, que oscilavam desde oposições ferrenhas à imitação do modelo norte-americano, até posicionamentos favoráveis à adoção deste modelo no Brasil, em diversos aspectos, como defendia Júlio de Mesquita Filho que, seguindo a trajetória de seu pai, assumiu a direção do jornal, em 1927.

Segundo Capelato (1989), o projeto pedagógico que visava restaurar o país, tendo como base os parâmetros do liberalismo, acabou orientando a intervenção dos representantes do periódico na vida política e social do país. Assim, é importante destacar que a campanha de oposição ao governo, na década de 20, foi iniciada e liderada pelo tradicional órgão da imprensa paulista, o jornal *O Estado de São Paulo*. Esse projeto, que idealizava “recriar” a sociedade brasileira, tinha como principal estratégia a difusão do modelo liberal pelo país a partir de São Paulo, dado o papel de liderança que, na visão de muitos, este estado deveria assumir na grandiosa obra de transformação do Brasil em potência equiparada aos Estados Unidos. Vale destacar que a superioridade de São Paulo sobre o conjunto da nação era defendida tanto nos jornais de oposição à política oficial da República, como nos órgãos de imprensa que a apoiavam.

Os representantes deste periódico lutavam, nesse sentido, pela manutenção da hegemonia política de São Paulo sobre o conjunto da Federação. Acreditavam que São Paulo encontrava-se em um estágio mais avançado, visto que já teria atingido a maturidade política indispensável para a democratização do regime. Assim, esse estado, juntamente com o Rio Grande do Sul e Minas Gerais, seria responsável pela renovação do país, por meio de um processo de emancipação política, que poderia tornar realidade a autonomia dos estados, outro aspecto defendido enfaticamente pelo periódico.

O binômio operariado/industriais preocupava os representantes do jornal *O Estado de São Paulo*. Preocupação que se justificava pelo fato de o operário industrial não aceitar, com a mesma passividade que os trabalhadores rurais, a relação de dominação social. Cabe assinalar que, com relação às questões sociais, o jornal colocava-se como “guardião” da sociedade brasileira. Na questão das crianças abandonadas, os representantes do periódico

acreditavam que intervir nesse problema significava caminhar em legítima defesa da sociedade, visando à sua própria manutenção.

Na realidade, o que se pode perceber, de acordo com Capelato e Prado (1980), é que as campanhas do jornal *O Estado de São Paulo* se inseriam no contexto de uma luta pela defesa de alguns interesses de forças sociais específicas. Desse modo, a adesão do jornal aos princípios da ideologia liberal não significou deixar de se associar a aspectos conservadores e elitistas, já que, muitas vezes, seu discurso aproximava-se da defesa dos interesses da classe dominante.

As posições assumidas pelo jornal diante das mais variadas questões podem nos ajudar a reconstituir aspectos significativos do período em estudo, possibilitando conhecer os conflitos e disputas que marcaram a institucionalização do Instituto de Higiene de São Paulo, desde a sua criação, em 1918, até a sua oficialização, em 1924. Nesta busca, o jornal pode auxiliar a desvendar as posições assumidas por diferentes setores da sociedade, diante da criação dessa instituição e das concepções de saúde pública por ela defendidas.

A utilização do jornal enquanto fonte documental possibilitou apreender as relações entre educação, higiene e saúde pública, que marcam a atuação dessa instituição, como questões inseridas em um contexto mais amplo, visto que o trabalho com essa fonte oferece subsídios para o entendimento do cenário sócio-político-cultural da sociedade paulista, no início do século XX. Nesse sentido, buscou-se garantir um diálogo contínuo entre as informações coletadas e as questões que configuram esse cenário.

2. Higiene e saúde pública na imprensa

Analisar de que forma as questões de higiene e saúde pública apareceram no jornal *O Estado de São Paulo*, no período compreendido entre 1918 e 1924, pode ajudar a compreender o contexto social, político e econômico da época e, ao mesmo tempo, a maneira como estas questões estavam articuladas à intenção de desenvolver um determinado projeto de sociedade.

O levantamento das fontes permitiu realizar um mapeamento das discussões ligadas às temáticas da higiene e saúde pública, de modo a identificar em quais colunas do jornal estas questões apareciam, com que frequência e quais eram as notícias mais recorrentes.

No período estudado, as edições diárias do jornal *O Estado de São Paulo* eram organizadas de forma bastante semelhante, bem estruturadas, divididas em diferentes colunas que tratavam de assuntos diversos. As edições do jornal contavam com aproximadamente 12 ou 13 páginas, sendo que as 5 ou 6 últimas eram destinadas exclusivamente às mais diversas propagandas, desde anúncios sobre produtos de beleza, creme dental, produtos de combate à queda de cabelo até informações sobre peças teatrais, filmes em cartaz e exposições culturais.

Matérias sobre higiene e saúde foram encontradas com bastante frequência na coluna *Notícias Diversas*, localizada sempre entre as páginas 4 e 6. O título desta coluna era escrito em letras maiúsculas, em negrito, e em tamanho bastante superior àquele utilizado no título da notícia, que vinha logo abaixo. Essas características lhe conferiam um certo destaque com relação às demais colunas do jornal.

Também escrito em maiúscula vinha o título da notícia, no entanto, sem negrito e em tamanho menor. Foram encontradas 18 matérias sobre higiene e saúde pública nessa coluna, no período estudado. Um espaço também bastante significativo para a publicação de notícias sobre o assunto foi a coluna intitulada *Notícias do Rio*, localizada sempre nas páginas iniciais do jornal. Esta coluna também destacava-se em relação às demais, considerando que o espaço destinado às notícias provenientes deste estado era muito maior que aquele reservado às informações provenientes dos estados do sul ou do norte do país. O título desta coluna era escrito em letras maiúsculas, em negrito. As notícias provenientes deste estado eram as mais diversas possíveis, tendo sido encontradas 12 referentes ao tema da higiene e saúde.

Um número bastante significativo de notícias sobre este tema foi encontrado ainda na coluna *Notas e Informações* que, assim como a coluna *Notícias do Rio*, aparecia sempre nas páginas iniciais do jornal. Por se tratar de uma coluna que trazia assuntos bastante variados, o espaço destinado a ela era relativamente grande em relação às demais colunas do jornal, chegando a ocupar, em algumas edições, quase uma página inteira. A escrita do título desta coluna era bastante semelhante àquela utilizada no conteúdo das notícias, sendo apenas em caracteres um pouco maiores. Uma característica que distingue esta coluna das demais é o fato de as notícias não apresentarem título, “indo direto ao assunto”. Um exemplo pode ser encontrado na edição do dia 8 de maio de 1920 em que lemos, no alto,

“NOTAS E INFORMAÇÕES”, aparecendo logo abaixo a primeira notícia: “*Visitou-nos ontem o sr. dr. Arthur Neiva, que nos declarou agradecer o modo por que secundamos a ação por s. s. desenvolvida durante o período em que dirigiu a repartição do Serviço Sanitário do Estado...*” (*O Estado de São Paulo*, 08-05-1920). Durante todo o período estudado, foram encontradas nesta coluna 9 notícias referentes ao tema em estudo.

As três colunas onde a ocorrência destas notícias foi mais significativa (*Notícias Diversas, Notícias do Rio e Notas e Informações*) eram publicadas diariamente no jornal *O Estado de São Paulo* durante todo o período, obedecendo sempre às características indicadas acima.

Além destas colunas, existiam muitas outras em que circulavam discussões referentes à temática, algumas publicadas diariamente, outras não. Dentre elas, podemos citar: *O Estado Sanitário, Telegramas Interior/Rio, Saneamento e Higiene, Queixas e Reclamações, Saneamento Rural, Estados Unidos, Medicina e Guerra, Coisas da Cidade, Os Jornais, Lavoura e Comércio, O Novo Governo e Higiene*. É importante destacar que o fato de ter sido registrada uma maior ocorrência de notícias referentes ao tema higiene e saúde pública nas três primeiras colunas indicadas não significa que o conteúdo das notícias provenientes das demais colunas seja menos relevante, ao contrário disso, muitas delas trouxeram informações imprescindíveis para a compreensão das questões que aqui se pretendeu estudar.

Com relação à distribuição destas notícias ao longo do período estudado, é possível afirmar que houve uma concentração maior nos anos de 1918, 1920 e 1921, tendo sido encontradas 14, 27 e 16 notícias referentes ao tema, respectivamente. Nos demais anos pesquisados estas notícias apareceram, ainda que com menor frequência, somando 9 no ano de 1919, 4 em 1923, 9 em 1924, e apenas 1 em 1922.

No que se refere ao conteúdo destas notícias, pode-se apontar dois assuntos como os mais recorrentes ao longo do período estudado: o caso da gripe epidêmica e das moléstias infecciosas em geral e as críticas dirigidas ao Serviço Sanitário do Estado. Na verdade, estes dois assuntos acabam, muitas vezes, traduzindo-se em um só, visto que, utilizando o caso da gripe epidêmica como justificativa, as notícias chamavam a atenção para as inúmeras reclamações que se faziam contra o Serviço Sanitário, destacando sua reduzida

eficiência, já que não estavam sendo tomadas medidas severas no intuito de evitar a multiplicação dos focos de irradiação epidêmica:

Também no Rio, segundo nos informaram os telegramas de hoje, reapareceu a influência espanhola, com caráter epidêmico, nos quartéis. Mais um motivo para que em São Paulo se tomem sem demora as medidas severas que reclamamos de há dias a esta parte. Como se vê, multiplicam-se os focos de irradiação epidêmica. Se não se agir com decisão e energia que as circunstâncias reclamam, que os precedentes conhecidos de toda a parte do mundo estão a aconselhar, não se pode prever a que temerosas proporções chegará, talvez, por desgraça, a nova epidemia que se vai anunciando (O Estado de São Paulo, 18-03-1919, p.5).

Tentava-se, ainda, chamar a atenção do público para as reais proporções da epidemia, já que, segundo as notícias publicadas, os órgãos responsáveis pela saúde pública do estado estavam a mascarar estes dados, ignorando a gravidade do assunto:

De 10 a 13 do corrente, segundo a estatística oficial, deram-se nesta capital, sete óbitos por gripe. Diante disto, pode-se dizer, em san consciência, que não há perigo, que tudo vai bem, que por enquanto não há nada de mais, que não há razão para temores? Sete mortes em seis dias, claro que não é para uma hecatombe. Em novembro do ano passado morriam 300 pessoas por dia... Mas, sete mortes seguidas já são alguma coisa: já provam, ao menos, que o mal aí está e que, pintem-no lá com as cores que quiserem, vai progredindo, vai engrossando as suas ameaças (...)

Quanto a alarmar o público, - é justamente para o não alarmar que estamos a chamar atenção das autoridades enquanto é tempo. Se esperássemos que o mal assumisse uma forma, positivamente grave, para só então fazê-lo assunto de notícias e bons comentários, nesse caso é que iríamos alarmar estupidamente o público. Numa palavra: prevenção não é alarme. O público não é tão tolo que confunda uma coisa com outra (O Estado de São Paulo, 20-03-1919, p.5).

As críticas ao Serviço Sanitário não tomavam como justificativa apenas o caso da gripe epidêmica, mas também traziam à tona outros assuntos referentes, por exemplo, à atuação do corpo médico, no exercício das suas funções: “Numerosas são as reclamações que temos recebido contra o modo por que alguns médicos ou auxiliares de médicos sanitários desempenham o seu cargo. São violentos, arbitrários, provocando assim a odiosidade do povo contra o Serviço Sanitário e, especialmente contra algumas das úteis medidas por este posta em prática...” (O Estado de São Paulo, 02-01-1918, p. 6).

Um conjunto significativo de notícias exaltava a campanha de saneamento das populações empreendida em âmbito nacional, utilizando como argumento os inúmeros avanços conquistados. No espaço destinado às *Notas e Informações* foram publicados, no dia 4 de março de 1920, dados que mostravam os progressos alcançados com relação ao início desta “cruzada”, quando era bastante significativo o número de doentes, assim como a variedade de doenças e a concomitância delas no mesmo indivíduo. A dispersão dos povoados por sertões desprovidos de quaisquer recursos contribuía ainda mais para classificar a campanha saneadora como uma verdadeira obra de reconstrução nacional, tendo em vista os esforços sobre-humanos investidos para atingir e conscientizar esta população. Por outro lado, criticavam-se os meios utilizados para a concretização da campanha e o número reduzido do pessoal empregado. No entanto, as principais críticas incidiam sobre os valores orçamentários, considerados insuficientes para promover uma campanha saneadora de tal porte.

Concomitante às notícias que destacavam os benefícios da obra de saneamento do país, estavam aquelas que traziam, de forma ríspida, quando não irônica, o descaso dos órgãos responsáveis com relação às condições higiênicas da cidade. Nesse sentido, a coluna *Coisas da Cidade*, coluna esta publicada diariamente, cuja principal característica era apontar os principais problemas urbanos ao lado de elogios à cidade de São Paulo, vista como grande e importante, publica, na edição de 11 de março de 1920, críticas fervorosas à falta de saneamento de alguns dos bairros mais populosos da cidade.

Causava espanto notar que aquela que deveria ser “a terra de mais higiene do Universo” (O Estado de São Paulo, 11-03-1920, p. 5), pelo menos considerando “os rigorosíssimos artigos do Código Sanitário”, ainda deixava a desejar no que dizia respeito aos investimentos em serviços básicos de higiene e saúde. Depois de fazer um “balanço” da

situação sanitária de alguns dos bairros mais importantes e populosos de São Paulo, o jornalista finalizava o seu discurso indignado, exigindo providências por parte do Serviço Sanitário e seus responsáveis para que se conseguisse reverter a situação sanitária do país: *“Estou certo de que o Sr. Diretor do Serviço sanitário ignora o fato que agora levo ao seu conhecimento e pelo qual é responsável a Repartição de Águas e Esgotos. E do ilustre Dr. Arthur Neiva, principalmente, esperam os moradores daqueles bairros, uma providência qualquer para que não venham dizer depois que o Serviço Sanitário é de fachada...”* (*O Estado de São Paulo*, 11-03-1920, p. 5).

Embora não se tenham dados sobre a autoria de notícias como esta, o fato é que traziam apreciações desfavoráveis com relação à atuação de órgãos atuantes no campo da saúde pública, o que nos leva a indagar se este não teria sido mais um meio encontrado pelos defensores da criação e oficialização do Instituto de Higiene de São Paulo e pelos atores a ele relacionados (Darling, Smillie, Borges Vieira, Paula Souza) para convencer a população da importância de sua implementação e oficialização. Fica a dúvida...

Questionava-se o descaso do governo com relação às questões de saúde pública, que passaram a ser consideradas como a primeira de todas as necessidades sociais. Sendo a saúde *“o primeiro e o mais precioso dos bens deste mundo”* (*O Estado de São Paulo*, 12-04-1920, p. 5), ela deveria ser assumida pelos governos. Deste modo, críticas diretas eram feitas aos governantes que gastavam o dinheiro público com interesses particulares, ao invés de empregá-lo em benefício das instituições destinadas a promover o saneamento do país.

A educação sanitária surgia como condição necessária para que a cruzada em prol da saúde pública pudesse alcançar o alvo desejado. Por outro lado, o povo também era, de certa forma, responsabilizado pela situação precária na qual se encontrava o país, por não saber administrar a sua saúde. Difundia-se, desse modo, a idéia de que a população só conseguiria zelar pela sua saúde, buscando formas de conservá-la, por meio da educação sanitária:

Quando o povo, pela educação sanitária recebida, souber zelar de sua saúde, procurar os meios para conservá-la, tiver sempre presente os preceitos higiênicos e os puzer em prática, quando a assistência pública for uma realidade, então deixaremos de ser

uma “legião de doentes e imprestáveis” e o Brasil deixará de ser “um imenso hospital” (*O Estado de São Paulo*, 12-04-1920, p. 5).

Além das críticas e elogios tecidos à campanha saneadora do país e às severas críticas em relação à atuação dos órgãos responsáveis pelas questões sanitárias em São Paulo, pudemos localizar, também, anúncios sobre iniciativas no campo da saúde pública, as quais elegiam as crianças e suas famílias como principal alvo. Exemplar, nesse sentido, é o anúncio publicado no dia 9 de janeiro de 1921, pela Sociedade Brasileira de Assistência à Infância, que tratava do Concurso de Robustez Infantil, o qual distribuiria prêmios de robustez e assiduidade às crianças que freqüentassem aquele departamento do Serviço Sanitário.

O trabalho de levantamento das fontes possibilitou perceber que as questões de higiene e saúde pública conquistaram um amplo espaço nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*, desdobrando-se em um leque de aspectos que englobam desde os problemas específicos vivenciados pela cidade de São Paulo até a campanha de saneamento em nível nacional.

É importante destacar que este espaço de circulação que as questões aqui apresentadas encontraram no jornal não se constituiu em um simples espaço de transmissão de informações e idéias, mas sim em um instrumento de intervenção na vida social e política do período, tendo em vista o posicionamento político assumido pelo jornal que, através das suas campanhas, revelava uma postura ambivalente, defendendo alguns interesses de forças sociais específicas. Desse modo, como assinalam Capelato e Prado (1980), o fato de o jornal aderir a alguns princípios da ideologia liberal não significou o afastamento de aspectos conservadores e elitistas, já que, inúmeras vezes, este órgão da imprensa paulista empenhou-se no movimento de defesa dos interesses da classe dominante.

Deste modo, vale a pena lembrar que o lugar ocupado pelas questões de higiene e saúde pública no jornal *O Estado de São Paulo*, que difundia um novo modelo de sociedade, ou seja, um novo projeto para o Brasil, foi marcado pela concomitância entre o viés liberal e conservador.

CAPÍTULO II

O Instituto de Higiene de São Paulo: um projeto partilhado por norte-americanos e elites paulistas

1. A Fundação Rockefeller no jornal *O Estado de São Paulo*

Para compreendermos a chegada e atuação da Missão Rockefeller no Brasil é preciso conhecer um pouco da trajetória da Fundação Rockefeller, retomando alguns aspectos que antecedem a sua criação. Como instituição privada, a fundação foi organizada no ano de 1913, e esta organização se deu “*a partir do reagrupamento das juntas filantrópicas patrocinadas pela família Rockefeller desde o século XIX*” (Marinho, 2001: 14).

A criação da Fundação Rockefeller não se configurou, desse modo, no início dos investimentos em saúde pública por parte dos milionários capitalistas da família Rockefeller. Já no ano de 1903, a família instituiu a Junta de Educação Geral (General Education Board), que concentrou a sua atuação no sul dos Estados Unidos, região que, em virtude da derrota na Guerra da Secessão, apresentava graves distorções sociais, agravadas por profundas deficiências nos campos da saúde e educação.

No ano de 1909, como consequência da atuação dessa Junta, foi criada a Comissão Sanitária para a Erradicação da Ancilostomíase, que privilegiaria o desenvolvimento de programas de combate a essa doença na região, considerada como uma calamitosa situação sanitária, visto que, de acordo com Marinho, a “*maioria absoluta da população se encontrava infestada pela ancilostomíase...*” (2001: 23).

Tomando como ponto de partida os programas de saúde implementados no sul dos Estados Unidos, a Comissão Sanitária para a Erradicação da Ancilostomíase foi transformada, em junho de 1913, em Comissão Sanitária Internacional, a qual passou a denominar-se, a partir de 1916, Junta Internacional de Saúde, com o objetivo de estender os programas até então desenvolvidos para outras regiões. Finalmente, no ano de 1927, com a ampliação das atividades da Fundação, esta Junta se converteu no Departamento Sanitário Internacional.

Dentre as regiões que mereceriam a atenção da Junta Internacional de Saúde estava a América Latina, para a qual foi enviada uma Comissão, em 1915, com o intuito de estudar as condições gerais de saúde pública e o ensino médico. No ano seguinte, foram enviadas duas novas comissões para alguns países da América Latina, dentre os quais incluía-se o Brasil.

Nesse sentido, a expansão da atuação da Fundação Rockefeller para além dos limites do território americano passou a ser notícia nos meios de comunicação da época, dentre os quais incluía-se o jornal *O Estado de São Paulo*. Em meio às notícias que traziam informações mais gerais acerca dos problemas sanitários do país, dentre eles a falta de saneamento, a necessidade de se implementarem cursos para a formação de profissionais especializados na área de higiene e saúde, a rápida propagação da influenza ou gripe espanhola, começou a ganhar destaque a publicação de notícias que falavam da expansão das ações da Fundação Rockefeller pelo mundo e, mais especificamente, em nosso país.

Como afirma Marinho, a atuação da Fundação Rockefeller esteve presente em diferentes setores da vida social, não apenas nos Estados Unidos, visto que alcançou diversos países de todos os continentes, “*o que lhe conferiu poder em escala global*” (2001: 14).

Mesmo antes de eclodir a Primeira Guerra Mundial e durante o seu desenrolar, a atuação da fundação já estava voltada para ações em saúde pública. No entanto, foi com o término da guerra que “*a Fundação Rockefeller concentrou suas atividades em educação médica e saúde pública*” (Marinho, 2001: 14). De acordo com Marinho (2001), o que teria levado a Fundação Rockefeller a concentrar, inicialmente, a sua atuação na área de saúde pública foi o sucesso obtido com as atividades desenvolvidas no sul dos Estados Unidos. A partir daí, a saúde pública ocuparia o primeiro plano nas atividades da Fundação Rockefeller. Atividades estas que, a princípio, voltaram-se para a implantação de um amplo programa de combate às doenças endêmicas.

É preciso interpretar com cautela o discurso da “benemérita instituição”, lembrando que a presença e atuação da Fundação Rockefeller esteve associada à expansão dos interesses econômicos dos Estados Unidos por todo o planeta. É importante lembrar que a milionária organização teve a sua origem na chamada “era do petróleo”, na qual a família

Rockefeller obteve grande poder, “*valendo-se de armas nem sempre brancas...*” (Agudelo, 1984: 104).

Conforme destaca Marinho, “*como instituição filantrópica, a Fundação Rockefeller constituiu-se formalmente como sociedade civil, sem fins lucrativos, cujo ideário assinalava o objetivo de trabalhar em prol da humanidade*” (2001: 16), entretanto, essa mesma autora assinala que a presença e atuação da Fundação Rockefeller em países da Europa, América Latina, Oriente Médio e Sudeste Asiático estiveram associadas à expansão dos interesses econômicos norte-americanos, principalmente a partir do fim do século XIX. Não se pode esquecer, assim, que, por trás da preocupação com o bem estar da humanidade, existia uma instituição financiada pelos lucros da exploração e comércio de um produto altamente lucrativo, o petróleo.

No Brasil, a atuação da fundação no campo da saúde pública e na área médica, por meio das comissões enviadas para o nosso país no ano de 1916, constituiu um marco para o estabelecimento dos primeiros contatos com a então recém-criada Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, “*começando aí o processo de introdução do modelo de excelência da Fundação Rockefeller na primeira escola médica da América Latina*” (Marinho, 2001: 54).

Deste processo resultaria o estabelecimento dos primeiros acordos para a criação de uma instituição que, mais tarde, se constituiria em um espaço propício para a centralização da formação profissional e da pesquisa em saúde, o Instituto de Higiene de São Paulo. Proveniente de um acordo, firmado no ano de 1918, entre o Governo do Estado e a Junta Internacional de Saúde da própria Fundação, o Instituto seria criado inicialmente como um anexo da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, cabendo ao Governo do Estado de São Paulo fornecer o prédio adaptado ao funcionamento do Departamento de Higiene, enquanto a Fundação Rockefeller se encarregaria de fornecer a quantia necessária para os equipamentos, conforme o acordo de cooperação estabelecido entre as duas instituições.

Tal iniciativa se situa, como destaca Marinho (2001), no período voltado para as aspirações da reforma sanitária e que trouxe como herança os ideais sanitários norte-americanos, cujas diretrizes baseavam-se na centralização das questões de higiene e saúde

pública, na contratação em tempo integral para os postos da saúde pública e na importância da demonstração dos métodos de intervenção sobre os problemas sanitários.

Identificar e analisar, portanto, a influência que esta fundação exerceu nas instituições brasileiras ligadas às questões de higiene e saúde pública, dentre estas o Instituto de Higiene de São Paulo, que se constituiu em uma experiência pioneira na criação de uma equipe de saúde pública no Brasil, implica em compreender de que maneira se deu a presença dos ideais norte-americanos no país e até que ponto estes ideais influenciaram nas decisões aqui tomadas.

Somente dois anos depois das primeiras negociações, portanto, em 1918, foi assinado o primeiro acordo, com a vinda de Samuel Taylor Darling, então professor de higiene e diretor do Laboratório de Higiene, para São Paulo. A Fundação Rockefeller priorizaria a criação de um Departamento de Higiene na Faculdade de Medicina que, posteriormente, foi denominado Instituto de Higiene de São Paulo.

O quadro abaixo apresenta um resumo das principais notícias referentes à atuação da Fundação Rockefeller no Brasil e no mundo, publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*, entre 1918 e 1924:

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
17 de março de 1918 (Domingo)	03	Fundação Rockefeller	A luta contra a ancylostomose	-
18 de março de 1918 (2ª feira)	03	Notas e Informações	A Fundação Rockefeller	Hoje regularmente conhecida entre nós, a mercê da comissão sanitária para aqui enviada – fixou a sua despesa para o corrente ano em 10 milhões de dólares.
18 de março de 1918 (2ª feira)	04	Fundação Rockefeller	A luta contra a ancylostomose	-

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
17 de dezembro de 1918 (3ª feira)	01	Estados Unidos	Missão Rockefeller	O dr. George Vincent, presidente da Instituição Rockefeller, que tem uma dotação de 100 milhões de dólares, anunciou que esta instituição, depois de se ter dedicado durante quatro anos ao serviço de guerra, gastando mais de 21 milhões de dólares, entregar-se-á imediatamente ao trabalho de procurar livrar o mundo de doenças...
22 de abril de 1919 (5ª feira)	03	-	-	- Do sr. dr. L. W. Hackett, diretor da Fundação Rockefeller no Brasil, o sr. dr. Urbano Santos, ministro da Justiça, recebeu a seguinte carta: "No decreto de reorganização do Serviço de saneamento rural, expedido por v. exa., a 9 de abril do corrente, autorizando o auxílio da União aos Estados que contratem com a referida Fundação o Serviço de profilaxia de duas, ao menos, das endemias rurais. Venho agradecer a v. exa. a honra que assim é conferida à Fundação pelo esclarecido governo de v. exa. e a Justiça que se faz aos seus intuitos altruísticos e métodos que ele procura aplicar".
05 de março de 1920 (6ª feira)	02	Interior (Rio)	Missão Rockefeller	O dr. Carlos Chagas, diretor da Saúde Pública, apresentou hoje ao presidente da república o chefe da Missão Rockefeller.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
18 de junho de 1920 (6ª feira)	01	Interior (Rio)	Os diretores da Missão Rockefeller	Os drs. Wickliffe Rose e Lewis Hackett, diretores da Missão Rockefeller, hontem chegados a esta capital, visitaram hoje o Sr. Carlos Chagas. Estes visitaram juntos algumas instituições ligadas às questões de higiene e saúde pública.
18 de novembro de 1920 (5ª feira)	01	Notícias do Rio	Fundação Rockefeller	O presidente da Fundação Rockefeller convidou o Sr. Carlos Chagas para visitar os Estados Unidos em dezembro próximo. Accedendo ao convite, o Sr. diretor da Saúde Pública designou o Sr. Plácido Barbosa para, em seu nome, fazer, essa visita, devendo este embarcar sábado próximo com destino à Nova York.
23 de fevereiro de 1922 (5ª feira)	04	Notícias Diversas	A "Fundação Rockefeller" – Visita de dois dos seus diretores a São Paulo	Características da Fundação Rockefeller e destaque para a sua excelente atuação nas obras de saneamento realizadas em todo o mundo. Destaque também para a atuação dessa instituição no desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino médico, fundando novas escolas de medicina e concorrendo para melhorar as já existentes.
12 de março de 1922 (Domingo)	04	Notícias Diversas	Comissão Rockefeller – Banquete oferecido pela Faculdade de Medicina aos Drs. Pearce e Russel	No salão do Automóvel Club, realizou-se hontem, às 20 horas, o banquete oferecido pela Faculdade de Medicina e Cirurgia desta capital, aos Drs. Pearce e Russel, membros da Fundação Rockefeller, que se encontram actualmente nesta capital. Alves Lima saudou os homenageados.

O conjunto de notícias publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*, no período estudado, permite resgatar importantes aspectos da atuação da Fundação Rockefeller no Brasil, assim como a trajetória percorrida pelo Instituto de Higiene de São Paulo, até a sua oficialização.

Não há como negar que a trajetória do Instituto de Higiene de São Paulo esteve fortemente ligada aos ideais higienistas norte-americanos, visto que sua criação foi custeada pela Fundação Rockefeller, órgão internacional que visava expandir o seu modelo e as suas diretrizes no campo da saúde pública. Assim, de acordo com Campos: “*historiar a trajetória do Instituto de Higiene na sociedade paulista é interessante porque nos permite identificar o papel da influência norte-americana no campo da saúde pública*” (2002: 59).

O discurso da “benemerita e útil instituição” aparecia frequentemente nas páginas do jornal nas colunas intituladas *Notas e Informações* e *Notícias Diversas*. “*Hoje regularmente conhecida entre nós, a mercê das Comissões Sanitárias para aqui enviadas, a Fundação Rockefeller desenvolveria um trabalho de prevenção, que teria como objetivo maior ‘procurar livrar o mundo de doenças’*” (*O Estado de São Paulo*, 17-12-1918, p. 1). Na leitura desse discurso, recorrente nas páginas do jornal, não se deve esquecer que a trajetória dessa instituição esteve fortemente marcada pelo traço do poder e riqueza, que visava estender os negócios e interesses comerciais da família Rockefeller (Marinho, 2001).

Entre os meses de março e dezembro de 1918, as informações que chegavam aos paulistanos, por meio das páginas do periódico, diziam respeito às despesas fixadas para a consolidação das ações da Fundação Rockefeller no mundo e no nosso país em particular. O destino da quantia de 10 milhões de dólares era pré-estabelecido: aos serviços de guerra, destinar-se-ia grande parte do montante. No entanto, a preocupação com a prevenção de doenças, como a tuberculose e a gripe espanhola, tornava-se visível se considerarmos os valores destinados à Comissão Contra a Tuberculose e à Comissão Internacional de Saúde em operação em várias partes do mundo, 500 mil e 3 milhões e 300 mil dólares, respectivamente (*O Estado de São Paulo*, 18-03-1918, p. 3).

O trabalho da Fundação Rockefeller à frente de um projeto de reforma sanitária foi anunciado nas páginas do jornal, quando o então presidente, dr. George Vincent, afirmou que, “*após ter se dedicado durante quatro anos aos serviços de guerra, gastando mais de*

21 milhões de dólares, a Fundação entregar-se-ia imediatamente ao trabalho de procurar livrar o mundo de doenças, trazendo para o centro da cena a questão da prevenção” (O Estado de São Paulo, 17-12-1918, p.1).

A afirmação do dr. Vincent nos oferece subsídios para supor que, apesar do envolvimento da Fundação com as questões de saúde pública ser anterior à Primeira Guerra Mundial e estar voltado principalmente para ações no sul dos Estados Unidos, como nos lembram Marinho (2001) e Rocha (2003), ao final da guerra, a saúde pública passou a ocupar o primeiro plano nas atividades da Fundação Rockefeller, através de um trabalho de prevenção que visava, a princípio, minimizar a propagação epidêmica.

Aliada à questão do saneamento começava a se difundir neste período um modelo de atuação que tinha como eixo central a prevenção. No entanto, para compreendermos de que forma se deu a difusão deste novo modelo nas páginas do jornal, é preciso, antes, entendermos de que maneira a sua legitimidade foi sendo produzida no âmbito institucional.

Como se sabe, mais do que implantar o seu modelo nas instituições ligadas ao campo da saúde pública existentes no nosso país, a Fundação Rockefeller visava torná-lo legítimo e para isto investiria esforços no sentido de promover a adequação institucional das estruturas até então existentes ao modelo por ela difundido, como destaca Marinho (2001).

A Faculdade de Medicina funcionaria, deste modo, como um espaço para a introdução do modelo de excelência da fundação na primeira escola médica da América Latina, por meio do acordo para o provimento desta cadeira de Higiene que, mais tarde, seria transformada no Instituto de Higiene de São Paulo.

A Fundação Rockefeller acreditava, assim, na continuidade das diretrizes e do modelo norte-americano de saúde. O acordo firmado entre o Governo do Estado e a Junta Internacional de Saúde da Fundação estabelecia que esta última deveria realizar a seleção de um profissional americano para assumir a direção do empreendimento até que os médicos brasileiros, que haviam sido escolhidos para cursar o seu doutoramento nos Estados Unidos, retornassem ao Brasil.

O trabalho de prevenção teria início por meio do apelo à higiene pessoal e ao cuidado com os contatos sociais, como maneiras de se evitar a enfermidade e a sua

propagação. Nesse sentido, a luta contra a ancilostomíase se constituiu em um dos pilares da atuação da Fundação Rockefeller para difundir as suas ações pelo continente americano. Na segunda quinzena de março de 1918, as notícias sobre a situação da doença no Brasil ganharam destaque. Tamanha importância passou a ser concedida à atuação da Fundação no país que, no ano de 1918, o jornal criou um espaço destinado exclusivamente à publicação de notícias que informavam sobre as suas realizações em nosso país e no mundo.

Sob o título *Notícias Diversas*, esta coluna publicou durante o início do mês de março, algumas vezes consecutivamente, notícias intituladas *A luta contra a ancilostomose*, as quais, como o próprio título indica, traziam informações acerca do quadro da doença no país e das medidas preventivas que estavam sendo tomadas. Embora as medidas preventivas fossem notáveis, a propagação da doença era fato, principalmente nos estados da região sul do país, como noticiava o jornal. Nessas circunstâncias, a Fundação Rockefeller tratou de divulgar sua “intensa e útil” ação no continente americano, dando visibilidade, nas páginas do jornal, às suas realizações, expressas num conjunto de atividades concentradas naqueles locais onde o impaludismo e a ancilostomíase imperavam com todo o seu enorme cortejo de enfermos. Reforçava-se, ainda, a atuação do então diretor dessa missão no Brasil, dr. L. W. Hackett, que, juntamente com o dr. Wickliffe Rose,¹ diretor geral da missão, era responsável pela inspeção de todas as missões na América do Sul (*O Estado de São Paulo*, 13-03-1920, p. 5).

É importante lembrar, mais uma vez, que, por trás do “comprometimento” da Fundação com o desenvolvimento, a civilização e, como afirma Chope (1944), a melhoria do “*bem-estar da humanidade em todo o mundo*”, havia também o interesse em expandir os lucros do império Rockefeller, objetivo este que, diga-se de passagem, não era menos importante.

A fundação encontrou no jornal um espaço para a divulgação da sua “útil atuação”, espaço no qual procurou dar destaque aos grandes serviços que vinha prestando à humanidade, não só no seu país de origem como em todo mundo. Por meio das notícias

¹ Hackett e Rose foram eminentes profissionais dos campos da educação, medicina e saúde pública. Hackett atuou como diretor da Comissão Sanitária Internacional no nosso país, enquanto Rose assumiu a posição de diretor geral da Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller.

publicadas no jornal, a Fundação buscava, então, tornar legítima a sua atuação e vender a imagem de uma “benemérita e filantrópica instituição”, comprometida apenas com os interesses da população.

Citados na lista de dados acerca da cooperação da Fundação Rockefeller, nos serviços de saneamento e na área médica, estavam 88 países, representando todos os continentes. Entre nós, provavelmente a partir do ano de 1922, de acordo com as notícias coletadas no jornal, a ação da Fundação Rockefeller se fazia sentir em quase todos os estados, o que explicava o tom de exaltação e admiração pela instituição observado nas páginas do jornal, por meio de notícias resumidas e reeditadas, recorrentemente, sob o título *A Fundação Rockefeller* ou *Comissão Rockefeller*, na coluna *Notícias Diversas*.

Atenta aos ideais republicanos de construir uma nação brasileira equiparada aos países desenvolvidos, propalado enfaticamente pelas elites governantes, a Fundação Rockefeller orientou a sua ação no sentido de manter as suas diretrizes, assim como o modelo norte-americano de saúde.

Nesse sentido, os esforços das elites e da Fundação Rockefeller convergiram para a “*grandiosa obra de transformação do Brasil em potência equiparada aos Estados Unidos*” (Marinho, 2001: 111): as elites por meio da difusão do modelo liberal, e a fundação “*promovendo o saneamento do país*”. Este projeto de saneamento do país estava articulado aos anseios de produção de um país civilizado, que buscava deixar para trás a imagem da desordem e da pobreza; anseios estes que estavam em conformidade com os desejos das elites dominantes.

Neste ponto torna-se possível indagar se, por trás das matérias sobre a Fundação Rockefeller, não existia a intenção de difusão e defesa de interesses políticos que buscavam sua legitimação tomando como base o discurso das elites dirigentes do período.

A gama de matérias localizadas permite afirmar que, visando difundir os princípios norte-americanos de saúde pública, baseados na “filantropia científica” (Marinho, 2001) e constituintes de um modelo modernizante de ciência, elitista e conservador e, ao mesmo tempo, defender os seus interesses comerciais, a Fundação Rockefeller e os seus aliados no Brasil utilizaram-se amplamente das páginas do jornal *O Estado de São Paulo* para informar a população sobre as suas ações no nosso país e no mundo.

De acordo com Marinho, “a Fundação Rockefeller encontra-se no cerne do processo que gerou e constituiu o campo de atuação do que posteriormente foi caracterizado como filantropia científica” (2001: 14). Ainda de acordo com a autora, o conceito de filantropia pode ser entendido, de maneira geral, como “a destinação de recursos privados para atuação em atividades de interesse público” (p.14). Já no caso da filantropia científica, os recursos privados são destinados, como o próprio nome indica, à produção de conhecimento científico.

Embora a atuação da Fundação Rockefeller no Brasil, naquele momento, se fizesse sentir em obras de saneamento rural, combatendo moléstias como a ancilostomíase, a malária e a tuberculose, procurava-se mostrar, aos leitores do jornal *O Estado de São Paulo*, que sua influência não se circunscrevia apenas a isto, auxiliando ainda o desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino médico em todo o mundo, por meio da identificação de centros de ensino onde pudessem ser implantadas disciplinas de higiene e saúde pública, fundando novas escolas de medicina e concorrendo para melhorar as já existentes (*O Estado de São Paulo*, 23-02-1922, p. 4).

A atuação de médicos como Arnaldo Vieira de Carvalho² esteve diretamente relacionada à criação, em 1918, e oficialização, em 1924, do Instituto de Higiene de São Paulo. Exercendo o cargo de diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, Arnaldo Vieira de Carvalho utilizaria os estudos provenientes das comissões de especialistas enviadas pela Fundação Rockefeller para o nosso país para solicitar o apoio desta instituição para o provimento da cadeira de Higiene, o que resultou na instituição do Departamento de Higiene, posteriormente denominado Instituto de Higiene de São Paulo.

A sua atuação, além de ter se constituído como elemento central na organização da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, contribuiu para instituir um ensino de base científica e experimental nesta instituição, tendo, mais tarde, colaborado diretamente para a criação do Instituto de Higiene de São Paulo, como destaca Marinho (2001). A realização

² À época de sua nomeação como diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, dr. Arnaldo Vieira de Carvalho era diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia, desde 1894, e do Instituto Vacinogênico, desde a sua criação, em 1892. Teve um papel importante na criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e participou do processo de criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1895. Foi responsável ainda pela criação e direção dos *Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia*; participou da criação da Policlínica de São Paulo; foi sócio-fundador e membro da Comissão do Instituto Pasteur, tornando-se presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1919 (Rocha, 2003: 67).

de uma sessão comemorativa do 2º aniversário de morte deste saudoso cientista brasileiro, realizada no dia 5 de junho de 1922, no prédio do Instituto, nos dá uma idéia do quão importante foi a sua atuação à frente desta instituição (*O Estado de São Paulo*, 06-06-1922, p. 4).

Paralelo às notícias que davam conta da trajetória da Fundação Rockefeller no nosso país e no mundo e o movimento que resultou na criação e posterior oficialização do Instituto de Higiene de São Paulo, estavam aquelas que diziam respeito ao desenvolvimento de uma ação conjunta entre as instituições aqui existentes e os organismos internacionais ligados à Fundação Rockefeller, destacando a “cordialidade” que marcava a relação entre ambas as partes.

Esta influência norte-americana sobre as questões de higiene e saúde pública pôde ser claramente encontrada nas páginas do jornal, por meio de matérias que propalavam um modelo de atuação baseado no desenvolvimento das ciências e no investimento em pesquisa, reforçando assim o discurso que defendia uma “ação conjunta” entre higienistas brasileiros e figuras importantes ligadas à Missão Rockefeller.

Nessas circunstâncias, a notícia intitulada *Missão Rockefeller*, que destacava o vínculo entre o diretor nacional da Saúde Pública, dr. Carlos Chagas, e o chefe da Missão Rockefeller nos Estados Unidos, foi publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo* na coluna *Interior – Rio*, no dia 5 de março de 1920. Convidado pelo presidente da Fundação Rockefeller para visitar os Estados Unidos em dezembro de 1920, o diretor da Saúde Pública aceitaria o convite, mas em virtude de seus compromissos enviou um representante para, em seu nome, fazer essa visita (*O Estado de São Paulo*, 18-11-1920, p. 1). Tudo em nome do bom relacionamento...

Mais do que estabelecer relações cordiais com o nosso país, a fundação buscava, o que ficou claro através da publicação de notícias como esta, produzir a sua “influência” sobre as políticas sanitárias brasileiras, utilizando para isto as mais diferentes estratégias, que iam desde convites para visitas aos Estados Unidos, concessão de bolsas de estudos para médicos e higienistas brasileiros, financiamento de estudos que investigassem as condições sanitárias do nosso país através de comissões para cá enviadas, até mesmo tentativas de aproximações de eminentes figuras, como o dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, por exemplo.

Como pôde ser observado nas páginas do jornal, no período em estudo, houve algumas missões norte-americanas em São Paulo que se articulavam a determinados objetivos e estavam ligadas a diferentes atribuições. Como visto anteriormente, no caso da primeira missão enviada à América Latina, no ano de 1915, os objetivos consistiam em estudar as condições gerais de saúde pública e o ensino médico.

Já as missões enviadas no ano de 1916 visavam “*estabelecer contatos com vistas à atuação nas áreas de saúde pública e ensino médico, as quais percorreram o Equador, Peru, Venezuela, Colômbia e Brasil*” (Rocha, 2003: 62). Os resultados provenientes destes estudos apresentados às autoridades brasileiras se assemelhavam, em muitos aspectos, àqueles obtidos nos Estados Unidos e em outros países pesquisados, tendo sido recebidos, entretanto, “*com grande indignação nos círculos médicos nacionais, uma vez que indicavam uma situação de absoluto atraso*” (Rocha, 2003: 62).

Dentre as principais atribuições dessa segunda comissão, nomeada pela Junta Internacional de Saúde, estava a de identificar centros de ensino médico onde pudessem ser implantadas disciplinas de higiene e saúde pública, contando com o apoio da Fundação Rockefeller. Nesse sentido, “*coube ao Dr. Richard M. Pearce, professor de Patologia e Pesquisa Médica da Universidade da Pensilvânia e que se tornaria mais tarde diretor da Divisão de Educação Médica da Fundação Rockefeller, estudar a situação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, resultando do seu trabalho a recomendação de assistência financeira para a organização da cadeira de Higiene*” (Rocha, 2003: 63).

Ao lado de Pearce, Russel³ participou, no ano de 1922, de uma missão enviada como o objetivo de colaborar com o Brasil “*na solução construtiva dos grandes problemas da educação médica e da higiene*” (*O Estado de São Paulo*, 12-03-1922, p. 4). Visando homenageá-los, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo lhes ofereceu um banquete, no Salão do Automóvel Club, noticiado na edição do dia 12 de março de 1922, na coluna *Notícias Diversas*.

Por meio de missões como esta iam sendo tecidas articulações entre as elites brasileiras e os norte-americanos da Fundação Rockefeller. Figuras importantes como

³ Atuação importante na Fundação Rockefeller também teve o dr. Frederic Russel. Dentre os cargos que ocupou, estava o de diretor do Museu Médico Nacional e professor de Bacteriologia da Universidade de Washington, durante seis anos, quando foi então designado, durante a guerra, para organizar a divisão dos laboratórios e das moléstias infecciosas, para mais de três milhões de homens. Em 1920, no posto de general de brigada, reformou-se do exército, para ser diretor de Laboratório da Fundação Rockefeller.

George Vincent (diretor da Fundação Rockefeller), Alarico Silveira (Secretário do Interior) e o médico Arnaldo Vieira de Carvalho, por quem o dr. Russel nutria “os mais profundos laços de amizade” (*O Estado de São Paulo*, 12-0-1922, p. 4), estiveram presentes nesta homenagem. Saudando os homenageados em nome da Faculdade, dr. Alves Lima pronunciou um discurso onde as formalidades e elogios não foram poupados. Alguns trechos da notícia publicada pela imprensa em março de 1922 podem nos dar idéia do tom do discurso:

Em nome do Director da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, eu tenho a grande honra de saudar os dois eminentes representantes da Fundação Rockefeller, nossos hóspedes nesta capital, dr. Pearce e dr. Russel.

Essa honra é um grande prazer para mim, porque, justamente, tive a oportunidade de representar nossa Faculdade em Nova York, quando foi ela festejada com tanta cortesia na minha pessoa.

Com um banquete effectuado na grande metrópole americana, a nossa escola foi sinceramente saudada pelo Dr. Vincent, o distinto presidente dessa esplendida instituição, com palavras de amizade e de homenagem... (O Estado de São Paulo, 12-03-1922, p. 4)

Ainda nesta mesma notícia, chama a atenção a maneira pela qual foram interpretadas e caracterizadas as ações da Fundação Rockefeller. Recuperando aspectos da sua trajetória, em que as questões de saúde, educação e higiene se mesclavam, a Fundação é caracterizada como uma instituição beneficente, tendo como eixo da sua atuação a saúde e a instrução; “ideal este aplicado sem distinção de raças, cor ou nacionalidade” (*O Estado de São Paulo*, 13-03-1922, p. 4). Mais uma vez as páginas do jornal serviriam como cenário para a difusão do discurso da “filantrópica e benemérita” instituição, preocupada apenas com os interesses da população.

“Nada conheço mais invulgar, nada mais altruístico, nada com tão grande escopo, como aquilo que se resume nessas duas simples palavras: saúde e instrução!”, o trecho extraído de notícia publicada em 12 de março de 1922 na coluna Notícias Diversas “vinha a confirmar a mentalidade da nação brasileira que tinha como ideal os mesmos parâmetros difundidos por esta instituição beneficente” (O Estado de São Paulo, p. 4).

Embora o tom da notícia pareça apontar para uma mera coincidência, a trajetória da Fundação Rockefeller nos mostra o contrário. Interessada em difundir os ideais sanitários norte-americanos, a fundação ia utilizando diversas estratégias para convencer a população das suas grandes realizações no campo da saúde pública. Dentre estas estratégias estavam aquelas que buscavam convencer as autoridades brasileiras da importância e necessidade de atuar “em parceria” com a Fundação Rockefeller nas questões de higiene e saúde pública. A publicação de notícias que mostravam, implícita ou explicitamente, estas intenções alcançou grande repercussão no período.

Conforme notícia o jornal em sua edição de abril de 1919, o dr. Urbano Santos, ministro da Justiça, recebeu uma carta do então diretor da Fundação Rockefeller no Brasil, onde este último manifestava seus mais profundos agradecimentos por ter sido contratado com a referida Fundação, no decreto de reorganização do Serviço de Saneamento Rural, expedido a 9 de abril do corrente, o Serviço de Profilaxia de duas endemias rurais. “*Venho agradecer a v. exa. a honra que assim é conferida à Fundação pelo esclarecido governo de v. exa. e a Justiça que se faz aos seus intuitos altruísticos e métodos que ele procura aplicar*” (*O Estado de São Paulo*, 22-03-1919, p.3). O trecho publicado em 22 de abril na coluna *Notas e Informações* pode ser interpretado como uma estratégia da Fundação Rockefeller para que os próprios governos brasileiros tomassem iniciativas como esta.

Mais do que isso, a Fundação Rockefeller passou a publicar nas páginas do jornal notícias que traziam dados acerca da atuação dos serviços e instituições aqui instalados, minuciosamente observados pelos dirigentes da Missão Rockefeller, que tinham o intuito de inspecionar e prevenir doenças.

Em visita realizada ao Instituto Bacteriológico da Saúde Pública, no ano de 1920, os drs. Wickliffe Rose e Lewis Hackett, ambos diretores da Missão Rockefeller, registraram impressões positivas daquilo que observaram, notadamente do sistema de pesquisas empregado naquele estabelecimento. Os médicos norte-americanos visitaram ainda a Inspetoria dos Serviços de Profilaxia e o Desinfectório do Botafogo. O dr. Rose pretendia ainda realizar uma nova viagem ao Brasil, com o intuito de inspecionar os postos de profilaxia instalados pela Missão Rockefeller em São Paulo, Santa Catarina e no Estado do Rio, a fim de prevenir o desenvolvimento e a propagação de moléstias infecciosas (*O Estado de São Paulo*, 18-06-1920, p. 1).

Dentre as instituições observadas estava ainda o Instituto de Higiene de São Paulo, que se apresentava como uma instituição modelar aos olhos dos visitantes “*interessados em conhecer a ‘orientação moderna’ na solução dos problemas sanitários*” (Rocha, 2003: 48). Ao Instituto cabia a difusão dos valores de preservação e prevenção, deixando para trás os antigos métodos de atuação em saúde pública.

2. O Instituto de Higiene nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*

Entender de que maneira as questões de higiene e saúde pública circulavam em um órgão de destaque da imprensa paulista, no período entre 1918 e 1924, no caso o jornal *O Estado de São Paulo*, implica em compreender o percurso das instituições ligadas a estas questões no período, e de que forma estas instituições, assim como as figuras a elas relacionadas, encontraram no jornal um meio de divulgação e debate de propostas no campo da higiene e saúde pública. Vale lembrar que algumas destas instituições tinham como objetivo difundir a necessidade de remodelação dos costumes e hábitos da população.

No conjunto dessas propostas, merecem atenção as formuladas pelo Instituto de Higiene de São Paulo. Criado em 1918, para responder à necessidade de provimento da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o Instituto de Higiene, além de comprometer-se com o ensino científico da higiene, foi sendo pensado, desde os seus primórdios, como instituição voltada também para a preparação de técnicos que passariam a ocupar os cargos de saúde pública, objetivo que estava no alvo das intenções da Fundação Rockefeller. Apesar de nos dois primeiros anos de funcionamento do Instituto a direção ter sido confiada a estrangeiros (dr. Samuel Darling e dr. Wilson G. Smilie), como parte do acordo estabelecido com a Fundação Rockefeller, a partir de 1921, este cargo foi entregue ao sanitarista paulista dr. Geraldo de Paula Souza, que estudou um ano nos Estados Unidos, ficando, desde então, o ensino de Higiene e a direção do Instituto exclusivamente em mãos brasileiras.⁴

As novas concepções no campo da saúde pública e os novos métodos de intervenção desenvolvidos segundo os moldes norte-americanos colocaram a questão da prevenção no

⁴ É importante destacar que tanto a vinda dos estrangeiros ao Brasil como a ida de Paula Souza para os Estados Unidos fazia parte do acordo estabelecido entre a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller e o Governo do Estado de São Paulo.

centro da cena, voltando-se o Instituto para a formação profissional e o desenvolvimento de formas de atuação comprometidas com a formação da consciência sanitária. Aos métodos de coerção aliam-se os de persuasão. A educação passava a assumir, portanto, um papel central na política sanitária traçada nos bastidores do Instituto e instituída a partir da reforma sanitária de 1925, o que não significava abandonar as práticas de vigilância, as quais ganhariam nova roupagem, como coloca Vasconcellos:

Apesar de a ênfase recair na educação, os velhos métodos de policiamento da população não foram abandonados, apenas mudaram de nome e estratégia, cabendo às educadoras localizar focos de contágio e “visitar” os lares pobres, pesquisando, “persuadindo”, educando e “atraindo” os doentes para os centros de saúde, o “quartel-general” coordenador da obra sanitária e social (1995: 41).

Paula Souza defendia a idéia da constituição de uma instituição forte, capaz de chamar para si a atuação nos mais diversos problemas de higiene e saúde pública. Na visão do sanitarista e dos demais profissionais anteriormente citados, o processo de implantação do Instituto estaria atrelado à consolidação de uma instituição científica que deveria desempenhar um papel uniformizador no controle das questões ligadas a essa área.

As propostas e considerações de Paula Souza seriam marcadas por uma dupla preocupação: convencer, por um lado, o governo e a população em geral da necessidade e utilidade de um órgão como o Instituto de Higiene de São Paulo, e por outro, garantir a autonomia desta instituição em relação à Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e ao Serviço Sanitário.

Deste modo, o intuito de Paula Souza, assim como de outros nomes ligados à criação do Instituto, era o de configurá-lo enquanto uma escola de saúde pública, à qual caberia também formar profissionais na área de saúde, ou seja, criar uma escola: *“capaz de formar sanitaristas, de alta qualidade técnica, provenientes de várias áreas do conhecimento, a partir de uma perspectiva essencialmente multiprofissional”* (Candeias, 1984:14).

E é justamente em relação a este papel uniformizador que vão se centrar as oposições com relação à oficialização do Instituto, que certamente implicaria em um

deslocamento para esta instituição de uma série de atribuições, até então sob responsabilidade do Serviço Sanitário. Os idealizadores deste empreendimento reclamavam, portanto, para o Instituto um lugar de destaque na condução da política sanitária.

O projeto de criação e oficialização do Instituto de Higiene de São Paulo mereceu um espaço privilegiado no jornal *O Estado de São Paulo*, que não se limitou a noticiar as atividades realizadas pela instituição, mas acompanhou de perto os inúmeros embates que cercaram a sua institucionalização. Encontra-se no quadro abaixo um resumo das principais notícias referentes à trajetória e atuação do Instituto de Higiene de São Paulo, publicadas no jornal *O Estado de São Paulo* entre 1918 e 1924:

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
12 de abril de 1920 (2ª feira)	05	Educação Sanitária	-	Destaque para a importância da educação sanitária na cruzada em prol da saúde pública. Crítica aos dirigentes do nosso país, que não dariam a devida atenção aos problemas de higiene e saúde pública.
08 de junho de 1921	04	Estado Sanitário	-	Trata-se de um alerta do Instituto de Higiene à população no que diz respeito à prevenção de moléstias infecciosas, transmitidas por secreções da boca ou nariz. O Instituto enumera algumas instruções que devem ser evitadas ou, ao contrário, utilizadas.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
16 de junho de 1921	03	Anúncio	-	Uma campanha nacionalista / Em prol do saneamento do Brasil (Conferência realizada pelo dr. Geraldo de Paula Souza, por iniciativa da Liga Nacionalista, no Instituto de Higiene, da Faculdade de Medicina de São Paulo).
19 de novembro de 1921 (Sábado)	05	Jornaes do Rio – Correo da Manhã	-	A convite do Instituto de Higiene de São Paulo, o dr. Belizário Penna, seguirá, depois de amanhã, para aquela capital, afim de realizar, no edificio daquele Instituto três preleções sobre as principais endemias que existem no Brasil.
23 de novembro de 1921 (4ª feira)	04	Profilaxia do Impaludismo no Brasil	-	Conferência realizada pelo dr. Belizário Penna, no Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo, a 22 de novembro.
27 de maio de 1922 (Sábado)	03	Notas e Informações	-	Foi designado o dr. Geraldo Horácio de Paula Souza, lente substituto da 5ª secção da Faculdade de Medicina da Capital para substituir o lente cathedrático da mesma Faculdade, dr. Wilson G. Smille, durante o seu impedimento por licença.
04 de junho de 1924 (4ª feira)	03	Notas e Informações	-	Comunicado sobre a dispensa do sr. dr. Geraldo Horácio de Paula Souza, lente catedrático da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, de suas funções naquela Faculdade.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
12 de dezembro de 1924 (6ª feira)	07	-	Instituto de Higiene - a oficialização do Instituto de Higiene - uma mensagem do Governo ao Congresso Legislativo	Trata-se de uma Exposição de Motivos sobre a oficialização do Instituto de Higiene, trazendo aspectos acerca da instalação e manutenção do prédio, orçamento das despesas, bolsas de estudos e cursos de higiene para professores.
25 de dezembro de 1924 (5ª feira)	04	Notas e Informações	-	A notícia trata da transformação do projeto nº 73 que dispõe acerca do funcionamento do Instituto de Higiene em lei, pelo Congresso Estadual. São feitas ainda críticas às grandes incongruências e injustiças nele consubstanciadas, de acordo com figuras renomadas do período.
16 de abril de 1925 (5ª feira)	02	Notas e Informações	-	Funcionários do Instituto de Higiene pedem uma providência que os habilite a gozar dos benefícios da Caixa Beneficente dos Funcionários Públicos.
22 de agosto de 1925 (Sábado)	03	Notas e Informações	-	Foi nomeado o sr. dr. Geraldo de Paula Souza, catedrático da Faculdade de Medicina, para exercer, em comissão, o cargo de diretor do Instituto de Higiene de São Paulo, cargo que vem exercendo desde 1º de janeiro último.

O campo de disputas em que se situou a proposta de oficialização do Instituto pôde ser observado nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*. No entanto, apesar das posições desfavoráveis, foram encontradas informações que nos permitem afirmar que foi principalmente por meio de um discurso veiculado em forma de notícias e prescrições que o

Instituto de Higiene buscou tornar legítimas suas concepções no campo da saúde pública. Notícias e prescrições que procuravam, por um lado, informar sobre a situação sanitária do Estado e, por outro, instruir a população nos hábitos de higiene, alertando-a sobre os meios de prevenção de doenças.

As posições contrárias à oficialização do Instituto, cujos principais porta-vozes eram a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, os órgãos do Serviço Sanitário, além de representantes dos meios políticos, pautavam-se na idéia da desorganização da administração sanitária, com uma duplicação de órgãos para funções idênticas, além de uma submissão dos serviços de saúde paulistas aos modelos norte-americanos. No caso do Serviço Sanitário, criado em meados da década de 1890 pelo governo estadual, este marcou, juntamente com outras instituições do período, o início da construção de uma estrutura para o desenvolvimento de políticas públicas na área da saúde. Pode-se afirmar que coube ao Serviço Sanitário uma atuação, de certa forma exclusiva, na área de saúde pública estadual durante um período bastante extenso, sendo esta situação modificada com o surgimento e posterior oficialização do Instituto de Higiene de São Paulo.

Por outro lado, discursos favoráveis à oficialização do Instituto eram difundidos nas páginas do periódico, utilizando como justificativa a necessidade de centralização da formação profissional e da pesquisa em saúde pública em uma única instituição, afirmando ainda as vantagens dos métodos norte-americanos.

O período entre 1921 e 1924 foi marcado por um movimento que alternava rupturas e conciliações no campo das discussões que visavam a consolidação de uma nova política sanitária. Este cenário de discordâncias se constituiria desde o princípio, quando da divulgação das intenções que envolviam a criação do Instituto de Higiene de São Paulo, cujo propósito era criar um:

instituto científico destinado ao preparo de profissionais realmente especializados na matéria, onde se tornasse possível promover pesquisa sanitária, métodos e processos sanitários de interesse para o país. De fato, pensava criar a Fundação desde o início, Centro destinado à formação de sanitaristas capazes assim de enfrentar graves desafios nacionais à Saúde Pública e a substituir, aos poucos, antigos, dedicados, porém insuficientemente preparados funcionários dos serviços então existentes. Considerava-se

também que esse preparo não se deveria dirigir apenas a indivíduos com formação médica (Candeias, 1984: 6).

As discussões não estavam apenas centradas na oficialização em si, mas também em torno das intenções que presidiram a criação do Instituto e o que se pretendia com a sua oficialização. Alguns, como o senador Rodrigues Alves, acreditavam que *“a oficialização proposta correspondia a uma redefinição dos poderes em matéria de saúde pública, que, além de não representar nenhuma inovação em termos dos Serviços oferecidos pelo Estado, implicava a redução da autoridade do Serviço Sanitário e de alguns de seus departamentos”* (Rocha, 2003: 51).

Dessa forma, a legitimação das ações do Instituto de Higiene e da sua atuação em São Paulo tornava-se imperiosa e inadiável, por parte dos médicos-higienistas e sanitaristas envolvidos no projeto de consolidação dessa instituição e das novas concepções de que ela era porta-voz. As estratégias usadas para esta finalidade tinham como objetivo tornar acessível a toda a população a imagem que confirmasse a ameaça ao progresso e à civilização em que se constituíam os “arcaicos e viciosos” hábitos da população pobre, tornando urgente a adoção de medidas que permitissem a higienização, moralização e civilização da população (Rocha, 2003). Assim, como destaca Rocha: *“Educação e propaganda figuraram como elementos indissociáveis na configuração de um programa de moralização, que tinha, como um dos seus mais importantes pilares, a higienização da população”* (2003: 218).

Visando promover a educação sanitária, os impressos passaram a ser utilizados pelo Instituto de Higiene como forma de difundir os preceitos higiênicos às crianças e suas famílias, nas escolas, nas fábricas, nos bondes, nas ruas e botequins ou onde quer que se encontrassem. Por meio do trabalho com as crianças nas escolas tentava-se atingir as famílias, ensinando-lhes um novo modo de vida, considerado civilizado. A propaganda sanitária constituiu-se, portanto, num dos eixos da atividade do Instituto, que procurava, por meio da divulgação de folhetos, cartazes, cartões postais, cartilhas de higiene, dentre outros, promover a educação sanitária da população, tendo como principal objetivo educar os indivíduos nos princípios de higiene pessoal (Rocha, 2003).

Através da distribuição deste material nas escolas e em diferentes pontos da cidade, com uma linguagem acessível, trazendo ilustrações que despertavam o interesse, os preceitos de higiene passavam a ser transmitidos por meio da palavra impressa e das imagens, favorecendo a divulgação dos conhecimentos higiênicos, tendo em vista persuadir a população da necessidade de internalizar estes hábitos. A divulgação dos novos hábitos de higiene, através dos meios impressos, visando forjar um novo modo de viver e de comportar-se na população, acabou constituindo-se em uma importante atividade do Instituto de Higiene, que via na propaganda uma forma de “aproximar-se” da população, para intervir sobre ela, visando higienizá-la e moralizá-la.

A partir do exame da documentação do Instituto de Higiene de São Paulo, Rocha (2003) levanta pistas que possibilitam pensar que um outro espaço de divulgação e circulação da mensagem de higiene seria a imprensa, apresentando elementos que permitem supor que o jornal *O Estado de São Paulo* teria desempenhado um importante papel.

Assim, em um plano de campanha sanitária, elaborado provavelmente em 1920, citado por essa pesquisadora, o então diretor interino do Instituto de Higiene, dr. Geraldo Horácio de Paula Souza, afirma: “*os jornaes e isso caberia principalmente bem ao Estado de S. Paulo, por ser muito lido, poderiam todos os domingos adicionar uma folha, com uma reprodução de um qualquer dos quadros confeccionados [no Instituto de Higiene], auxiliar essa ação divulgando essas gravuras instructivas*” (Paula Souza, s.d. apud Rocha, 2003: 200).

Sobre este trabalho de propaganda sanitária, por meio de impressos, os registros do dr. Paula Souza pesquisados por Rocha (2003) trazem elementos que nos aproximam das indagações que norteiam esta pesquisa:

Bem pouco foi feito este ano em termos de propaganda sanitária. Eu obtive a ajuda de um artista brasileiro que ilustrou gratuitamente vários preceitos higiênicos. Estas ilustrações foram reproduzidas, em cores, em cartões postais. (...)

Além disso, nós fizemos folhetos individuais sobre bebidas e estes foram distribuídos em escolas, fábricas, etc., ao mesmo tempo em que começamos uma campanha nos jornais (Relatório Anual, 1920, p.16).

Através desta campanha nos jornais o Instituto buscava, dentre outras coisas, alertar a população sobre o grande número de moléstias infecciosas, assim como sobre as principais endemias existentes no Brasil, cuja disseminação estava, em sua concepção, associada aos hábitos de higiene pouco asseados da população.

Notícias sobre as formas de contágio e os meios de prevenção, como aquelas publicadas nos dias 13 de março de 1920 (*Missão Rockefeller*) e 05 de janeiro de 1921 (*Notícias do Rio*) buscavam conscientizar a população acerca da gravidade da situação, alertando, no primeiro caso, sobre o quadro da ancilostomose nos Estados do Paraná e Santa Catarina, e no segundo, trazendo informações sobre a cruzada nacional de propaganda contra a tuberculose.

O jornal também serviu como meio de divulgação dos debates e campanhas desenvolvidos pelo Instituto de Higiene. A notícia publicada no dia 19 de novembro de 1921, dá conta desse tipo de atividade, ao noticiar o convite a figuras ilustres, como o dr. Belizário Penna,⁵ para realizar preleções sobre as endemias, trazendo dados relevantes à população, como a importância da construção de fossas sanitárias na profilaxia contra doenças como a ancilostomíase.

No jornal circulavam matérias que alertavam sobre o estado sanitário do país que, de acordo com os profissionais ligados ao Instituto de Higiene, poderia ser revertido se a população seguisse as instruções prescritas por esta instituição. Em notícia publicada no dia 8 de julho de 1921, foram enumerados diversos hábitos que deveriam ser evitados, tais como: visitar doentes (é suficiente que este vá ao médico); tossir, espirrar ou bocejar sem cobrir a boca com o lenço ou a mão; dar a mão a outras pessoas (é suficiente cumprimentá-las com a cabeça); aglomerações de toda ordem; cuspir no chão. Além das restrições, esses profissionais afirmavam ser conveniente que a população adquirisse novos hábitos, urgentes e necessários, tais como lavar as mãos antes das refeições.

É possível afirmar, portanto, que o Instituto de Higiene de São Paulo soube difundir, por meio do jornal, suas concepções e iniciativas no campo da higiene e saúde pública, buscando persuadir a população da necessidade e urgência das intervenções propostas.

⁵ Belizário Penna, sanitarista de larga circulação no meio educacional, foi eleito presidente da Seção de Educação Higiênica da Associação Brasileira de Educação durante a I Conferência Nacional de Educação, promovida por essa entidade. Prescrevia a higiene como medida de proteção do “organismo individual e coletivo”.

Intervenções estas que colocavam a educação no centro do trabalho de conscientização sanitária da população e que só seriam consolidadas através da implantação de uma instituição modelar, cuja atuação tivesse um papel diretor na articulação da política sanitária. Abria-se, assim, um caminho promissor para a concretização da oficialização do Instituto.

Sendo assim, mesmo em meio a todas as críticas e advertências, o projeto de oficialização do Instituto de Higiene de São Paulo foi aprovado em 1º de janeiro de 1925, o que o elevou à condição de departamento administrativo do Estado, diretamente subordinado à Secretaria de Negócios do Interior:

De 1º de janeiro de 1925 em diante, o Instituto de Hygiene, organizado, installado e mantido pelo Governo de São Paulo e pela Junta Internacional de Saúde, nos termos do contracto de 9 de Fevereiro de 1918, funcionará, independentemente de qualquer indenização, como departamento administrativo, exclusivamente do Estado, sob a denominação de "Instituto de Hygiene de São Paulo", e directamente subordinado ao secretário dos Negócios do Interior (Lei nº 2.018, de 26. 12. 1924, apud Rocha, 2003, p. 53).

Fazendo referência a esta lei, foi publicada, no dia 25 de dezembro de 1924, na coluna *Notas e Informações*, uma notícia onde foram apontadas inúmeras críticas a este processo que, de acordo com os posicionamentos contrários, continha grandes incongruências, além de consubstanciar graves injustiças.

Dentre as críticas destacam-se aquelas que viam na oficialização do Instituto de Higiene de São Paulo um meio de submeter o Serviço Sanitário, “*com todo o seu passado, que não era escasso de serviços à população, a um aparelhamento ainda em vias de definir-se como instituição firmada entre nós*” (*O Estado de São Paulo*, 25-12-1924, p. 4); além daquelas que procuravam denunciar os privilégios que seriam concedidos aos funcionários e diplomados no Instituto, que teriam prioridade no provimento de cargos técnicos do Serviço Sanitário.

As rupturas e conciliações em torno da consolidação de uma nova política sanitária, que resultaria na oficialização do Instituto de Higiene, não apenas permaneceram quando da aprovação deste projeto, como tornaram-se ainda mais acirradas.

No entanto, mesmo cercado por tantas adversidades e constituído no contexto de uma trajetória bastante conturbada, o Instituto de Higiene de São Paulo não deixou de ser um marco para a configuração de “*um novo campo do conhecimento que procura se afirmar como lugar da produção de um novo saber e de novas práticas de intervenção voltadas não para a doença, mas, fundamentalmente, para a saúde e a vida*” (Rocha, 2003: 97).

3. Propaganda sanitária na imprensa



ESTADO SANITARIO

Nestes ultimos dias, tem-se registado um grande numero de casos de molestias infecciosas, taes como diptheria, grippe, pneumonia, escarlatina e outras, que se transmitem pelas secreções da bocca ou do nariz. Affim de auxiliar o publico ao combate a essas molestias, o Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina está distribuindo as seguintes instruções:

"Deve-se evitar":

- Visitar doentes; basta que vá o medico.
- Tossir, espirrar e bocejat, sem cobrir a bocca com o lenço ou a mão.
- Dar a mão a outras pessoas; basta cumprimentar com a cabeça.
- Agglomerações de toda a ordem.

"Cuspir no chão é uma imundície e um grande perigo na época actual, devendo ser considerada criminosa a pessoa que assim o fizer".

"Conven"o

- Levar as mãos antes de comer.

Na campanha de regeneração física, intelectual e moral em que se empenhou o Instituto de Higiene de São Paulo, a educação sanitária desempenhou um papel fundamental no intuito de forjar um sistema de hábitos na população, buscando atingir os objetivos de “*imprimir, inculcar, fixar hábitos, modelar corpos e mentes*” (Rocha, 2003: 198).

Dentre as estratégias utilizadas, “*a propaganda sanitária não poderia ser pensada como uma questão menor no conjunto das linhas de atuação do Instituto*” (Rocha, 2003:

198). Assim sendo, o médico e sanitarista Paula Souza redirecionou o trabalho de propaganda sanitária do Instituto, procurando adaptar os métodos norte-americanos à realidade brasileira. Este trabalho deixou de ser restrito à confecção de pôsteres e outros impressos foram providenciados, como por exemplo, aqueles que continham prescrições em relação a diferentes questões, que iam desde os meios de transmissão de doenças e formas de prevenção até os “*modos corretos e civilizados de viver*” (Rocha: 2003: 202).

A notícia publicada no dia 10 de março de 1921 na coluna *Lavoura e Comércio*, publicada diariamente durante o período pesquisado, aparecia com o título *Amarellão* e trazia um panorama da doença, alertando para os sintomas da mesma, as formas de contágio e prevenção. Em outra notícia, publicada no dia 15 de junho de 1924, na coluna *Notícias Diversas*, eram relatados os recentes casos de meningite, varíola e peste bubônica, alertando novamente a população sobre os sintomas das doenças e as formas de contágio e prevenção.

A notícia exposta acima, intitulada ESTADO SANITÁRIO e publicada no dia 08 de junho de 1921, na coluna *Notícias Diversas* traz um alerta do Instituto de Higiene de São Paulo à população, no que diz respeito à prevenção de moléstias infecciosas, transmitidas por secreções da boca ou nariz. O Instituto enumera algumas atitudes que devem ser evitadas, ou ao contrário, adotadas. Enunciadas em um tom sugestivo (“*Deve-se evitar*”, “*Convém*”), as prescrições conclamam a população às práticas de asseio. No entanto, ainda que de forma mais sutil, buscava-se enquadrar as condutas da população conforme os ditames da higiene.

Tamanha importância foi atribuída à educação sanitária na difusão e implementação de um novo sistema de hábitos entre a população, que o jornal *O Estado de São Paulo* apresentava quase que diariamente uma coluna intitulada *Educação Sanitária*, onde eram publicadas notícias que destacavam justamente o papel que a educação sanitária teria em toda e qualquer cruzada em prol da saúde pública.

Essas notícias destacavam, ainda, o descaso dos nossos governantes com os problemas da higiene e saúde pública, afirmando que sem o apoio governamental, todos os esforços investidos nesse sentido dificilmente atingiriam o objetivo pretendido, visto que o saneamento físico do povo dependia, antes de tudo, de sua educação sanitária, não sendo esta de responsabilidade da iniciativa particular. Países como França, Inglaterra e Estados

Unidos eram utilizados como exemplos de uma organização sanitária modelar. O mesmo não acontecia com o nosso país, onde os dirigentes tratavam com descaso tão importante assunto, segundo as críticas publicadas no período.

A ação do governo era avaliada como limitada, visto que esta se restringia à adoção de medidas defensivas e profiláticas contra a invasão de moléstias epidêmicas, como se fossem estas as únicas a devastar a população.

“*A saúde pública, como a primeira de todas as necessidades sociais não pode continuar a ser descuidada!*”, a frase, que soa como um alerta, compõe uma matéria publicada em abril de 1920. O tom alarmista nos aproxima do conjunto de matérias que defendiam a importância dos investimentos na educação sanitária, de modo a evitar que todo o esforço no sentido de tornar a saúde pública uma questão mais importante aos olhos dos nossos dirigentes, merecedora, portanto, de mais interesse, cuidado e carinho, fosse inútil (*O Estado de São Paulo*, 12-04-1920, p. 5).

Por outro lado, enquanto os dirigentes do nosso país eram responsabilizados pelo descaso com relação à saúde, vista agora como a primeira de todas as necessidades sociais e como o primeiro e o mais precioso bem deste mundo, “culpava-se” também o povo, ainda que de forma sutil, pela não-conservação da sua saúde e não-intervalização dos novos hábitos de higiene.

Um país onde o povo não sabia zelar pela sua saúde, procurando os meios para conservá-la, faria jus à visão que o percebe como uma “*legião de doentes e imprestáveis*”, não passando de um “*imenso hospita!*” (12-04-1920, p. 5). Se este recebesse uma educação sanitária digna, que lhe permitisse ter sempre presente e colocar em prática os preceitos higiênicos, a assistência pública tornar-se-ia, conseqüentemente, uma realidade e esta visão poderia ser, aos poucos, superada.

Com a publicação de notícias como estas, a hipótese que se levanta, se tomarmos como ponto de partida a concepção que vê o jornal como um órgão modelador da opinião pública, que vai muito além de sua função meramente informativa, é a de que o jornal *O Estado de São Paulo* teve uma participação bastante significativa no projeto de construção de um novo modelo de sociedade, como também desempenhou um papel fundamental no projeto de oficialização do Instituto de Higiene.

A visita do dr. Geraldo Horácio de Paula Souza, diretor do Instituto no período, ao Instituto Vacinogênico da Capital para assistir ao processo de preparação da vacina (09-04-1921, p. 3) e a viagem do dr. Borges Vieira⁶ à Bahia, local onde empregaria o método descoberto pelo professor Noguchi para combater a febre amarela, que estava grassando epidemicamente naquele estado (21-04-1921, p. 3), podem ser interpretadas como tentativas dos dirigentes do Instituto de desenvolver um trabalho alicerçado sobre as concepções nas quais acreditavam e difundiam, intervindo para isto nos hábitos da população e implementando novos métodos.

Constituindo uma marca da atuação do Instituto de Higiene, as concepções que ligavam higiene pessoal, consciência e educação sanitária continuaram a ser difundidas nas páginas do jornal, por meio de campanhas de preservação da saúde e prevenção de doenças. As preleções realizadas pelo dr. Belizário Penna, a convite do Instituto de Higiene, sobre as principais endemias existentes no Brasil, destacando-se, dentre elas, o impaludismo, tema principal de uma conferência realizada no Instituto em novembro de 1921, confirmam que a preocupação em minimizar a propagação epidêmica e em tornar o saneamento do nosso país uma realidade eram bastante fortes, como mostravam as notícias publicadas nas páginas do periódico.

A análise do teor das notícias publicadas no período não deixa dúvidas de que, ainda que de forma sutil, a questão da oficialização sempre esteve presente. Isto pôde ser observado claramente com a publicação dos chamados *Boletins do Instituto*, cujo intuito era familiarizar a população com as suas ações, tentando convencê-la dos benefícios que uma instituição como esta traria aos problemas de saúde pública.

Os *boletins* publicados a 25 de dezembro de 1924, na coluna *Notas e Informações*, destacavam a aprovação unânime da lei que dispunha acerca da oficialização do Instituto no 1º Congresso Brasileiro de Higiene, chamando também a atenção para o fato de que os investimentos provenientes da Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller seriam superiores ao que havia sido estabelecido no contrato de 1918, quando o Instituto fora criado. Os *boletins* traziam ainda as competências do Instituto de Higiene de São

⁶ Borges Vieira realizou o seu doutoramento em Higiene e Saúde Pública na Universidade de Johns Hopkins, juntamente com o sanitarista paulista Paula Souza.

Paulo, que iam desde colaborar com o Serviço Sanitário do Estado e estudar métodos e planos de campanhas sanitárias, até orientar o ensino popular de higiene.

Deste modo, o Instituto aproximava-se, cada vez mais, do seu objetivo, visto que, através das páginas do jornal *O Estado de São Paulo*, ia conquistando novos adeptos entre a população leitora do seu projeto de oficialização. Não podemos nos esquecer, entretanto, que mesmo com a sua oficialização, o Instituto ainda enfrentaria dificuldades para conquistar autonomia e identidade própria, bem como para legitimar novas concepções científicas no campo da higiene e saúde pública.

Ainda com relação à difusão de novos hábitos entre a população, é importante destacar que, dentre as práticas adotadas pelo Instituto de Higiene de São Paulo, acredita-se que a fotografia tenha assumido um papel de destaque, constituindo-se em um importante recurso de documentação, estudo e articulação de formas de intervenção sobre os problemas urbanos. Durante todo o trabalho de levantamento das fontes buscou-se indagar até que ponto essa documentação teria encontrado no jornal um veículo de circulação que possibilitasse colocá-la ao alcance da população e, ao mesmo tempo, que justificasse a necessidade e urgência das intervenções propostas pelo Instituto de Higiene de São Paulo.

Terminada a coleta de dados percebeu-se, no entanto, que, embora utilizada dentro das atividades do Instituto de Higiene como forma de registrar e documentar as condições sanitárias nas quais vivia a população, contribuindo assim para a formulação de um projeto de intervenção, este recurso não conquistou espaço no jornal *O Estado de São Paulo*, no período estudado.

Não se pode afirmar que a ausência de fotografias que registrassem os problemas sanitários da população nas páginas do periódico tenha ocorrido por falta de interesse das próprias instituições ligadas a estas questões, no período, ou por parte do próprio jornal. Cabe notar, nesse sentido, que a publicação de fotografias em jornais não se constituía em uma prática comum no período, visto que esta ausência não se restringia às questões de higiene e saúde pública, estendendo-se para todos os campos da vida social.

Acredita-se também que os limites técnicos com relação à prática fotográfica, no período, possam ser utilizados como justificativa para a ausência deste material de documentação nas páginas do jornal, tendo assim impossibilitado o seu uso na obra de persuasão e conscientização da população com relação aos hábitos de higiene, pelo menos

dentro deste órgão da imprensa paulista. Sendo assim, o que se pode afirmar é que, se a fotografia funcionou como um instrumento de trabalho dentro do Instituto de Higiene de São Paulo, registrando, documentando e informado sobre os problemas sanitários do país, como assinala Rocha (2003), não alcançou, entretanto, a mesma repercussão nas páginas do periódico.

Além das notícias que destacavam a importância da educação sanitária e que davam conta do projeto de oficialização do Instituto, foram encontradas ainda, no jornal *O Estado de São Paulo*, gravuras acompanhadas de linguagem simples, ilustrações que traduziam visualmente a linguagem contida no texto, ora pela encenação do bom exemplo, ora pela oposição entre o bom e o mau exemplo. Essas imagens se aproximam da *Cartilha de Higiene*, publicada pelo Instituto de Higiene, analisada por Rocha, a qual, segundo registra a autora, era composta predominantemente por “*ilustrações que falam por si mesmas, em relação às quais os textos ganham a função de legendas; quadros em que são sistematizadas orientações sobre alguns temas, em forma de oposições ou de prescrições...*” (2003: 209).

Uma destas gravuras instrutivas publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, nos dias 9 e 10 de dezembro de 1920, foi muito bem descrita por Rocha em sua obra *A Higienização dos Costumes: Educação Escolar e Saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo*:

O incivilizado e insalubre hábito de cuspir no chão seria ridicularizado por meio da caricatura do caipira, cabisbaixo, com as mãos no bolso, soltando uma cusparada. Cercada de reprovações e prescrições, a figura do caipira – num cartaz de 74cm x 54cm – buscava estabelecer um diálogo que se ancorava em vários registros. A ilustração teatraliza o mau hábito, associando-o à incivilidade; as legendas procuram interditar o gesto, ridicularizando-o – Não cuspa nem escarre no chão. Isso espalha moléstias. Cuspa ou escarre só em escarradeiras, privadas ou ralos. Ninguém deve cuspir no chão, ainda menos com esta cara! (2003:226).

Tratava-se do cartaz vencedor de um concurso promovido pelo Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, tendo sido esta a gravura que obteve maior repercussão.

Textos de caráter informativo também foram encontrados, como é o caso da notícia publicada em 5 de janeiro de 1921, na coluna *Notícias do Rio*, que trazia informações sobre a propaganda contra a tuberculose: “*Realisou-se hoje, à tarde, a inauguração da exposição de cartazes destinados à cruzada nacional de propaganda contra a tuberculose, patrocinada pela Sra. Epitácio Pessoa*” (*O Estado de São Paulo*, 05-01-1921, p. 01).

Doenças novas: novos germes era o título da notícia publicada na coluna *Medicina e Guerra*, no dia 10 de março de 1920. O texto trazia informações sobre a lição de abertura do curso de Clínica Médica da Faculdade de Medicina, que abordou os seguintes assuntos: a bronquite sanguinolenta, a doença dos ratos, a encefalite letárgica e o mal japonês.

A propaganda sanitária ia, assim, assumindo um lugar de destaque, inventando novas formas de atingir a população, através de diferentes meios de divulgação da mensagem da Higiene. As gravuras instrutivas, ilustrações, assim como os textos informativos apareciam no jornal *O Estado de São Paulo* como um meio de estabelecer um novo espaço de diálogo com a população, utilizando-se de uma nova linguagem.

É importante destacar que o extenso e rico material de propaganda sanitária publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, no período em estudo, não se relaciona apenas ao Instituto de Higiene de São Paulo, tendo uma abrangência muito maior. No entanto, tendo em vista o nosso objeto de estudo, deu-se um destaque maior à propaganda sanitária produzida pelo Instituto.

Vale registrar que, através da propaganda sanitária, o Instituto de Higiene ia convocando a população “*à adesão de novos valores, ensinando uma nova moral e uma nova forma de viver a vida, pela participação ativa nos rituais da saúde, capazes de redimir das doenças, da pobreza do atraso e da ignorância*” (Rocha, 2003: 218). Por outro lado, é importante lembrar que “*se a persuasão se mostrava um melhor e mais eficiente meio de disciplinamento, modulando a linguagem que perpassava os numerosos impressos (...), não deixou de estar presente, na instauração das novas práticas de educação e propaganda sanitária, o aceno da punição*” (Rocha, 2003: 228).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de criação do Instituto de Higiene, a sua atuação em São Paulo e a trajetória que esta instituição percorreu para concretizar a sua oficialização foram questões privilegiadas no decorrer deste trabalho. Principal fonte documental deste estudo, pode-se afirmar que o jornal *O Estado de São Paulo* desempenhou um importante papel na legitimação da atuação dessa instituição, o que pode ser observado através das notícias coletadas. O levantamento das fontes nos permitiu, também, investigar de que maneira a atuação da Fundação Rockefeller no nosso país se articulou aos objetivos desse projeto.

Tomando como base o levantamento realizado no jornal *O Estado de São Paulo*, levantou-se a hipótese de que o jornal parecia funcionar, primeiramente, como um meio de despertar o interesse da população para as questões de higiene e saúde pública, anunciando a necessidade de remodelação dos serviços ligados a tais questões. Com relação ao Instituto de Higiene, as notícias encontradas e catalogadas traziam, além de informações sobre a criação e oficialização desta instituição, as atividades por ela promovidas. A análise dos conteúdos nos permite afirmar que os artigos publicados pelo jornal davam conta do cenário de discordância que envolveu a legitimação da atuação do Instituto.

O trabalho de pesquisa possibilitou localizar e catalogar notícias sobre a chegada da Missão Rockefeller ao Brasil, diretamente ligada à trajetória do Instituto de Higiene; notícias cujo tom procurava tornar legítimo o discurso da “benemérita instituição”. Este trabalho de coleta de dados possibilitou, ainda, localizar importantes informações, as quais, no seu conjunto, permitem afirmar que o Instituto de Higiene encontrou neste órgão da imprensa um veículo de circulação que possibilitou colocar ao alcance da população as novas formas de viver e se comportar, propaladas por higienistas e sanitaristas, contribuindo para a divulgação das suas propostas no campo da higiene e saúde pública, o que pode ter criado um cenário favorável à sua oficialização.

Através da difusão, nas páginas do jornal, das suas novas concepções, que tinham como eixo a questão da prevenção, o Instituto ia criando um cenário propício à concretização deste projeto. Embora parecesse desprovida de intenções que não fossem as de inculcar na população uma nova moral, caracterizada por novas formas de viver, pensar e

se comportar, a difusão da educação sanitária proporcionaria ao Instituto de Higiene a liderança na obra de homogeneização e uniformização da população.

Nessas circunstâncias, é difícil afirmar se o jornal teria ou não funcionado como um “porta-voz” do projeto de oficialização do Instituto de Higiene. No entanto, o levantamento das fontes nos possibilitou levantar a hipótese de que, por meio do periódico procurou-se defender, ainda que algumas vezes de forma sutil, um determinado projeto de sociedade, o que teria contribuído para legitimar o discurso das elites paulistas, diretamente ligadas à direção deste órgão da imprensa no período.

A defesa deste determinado projeto de sociedade se justificaria, de acordo com autoras como Capelato e Prado, pelo fato de o jornal *O Estado de São Paulo* possuir, se considerado o quadro da imprensa paulista no período, algumas características particulares, dentre as quais destacam-se a defesa dos postulados liberais. Aliada a este aspecto, as autoras ainda destacam a sua permanente preocupação política, o que o caracteriza como um órgão modelador da opinião pública, indo muito além da sua função informativa.

Esses e outros aspectos nos permitem perceber que a imprensa desempenha um importante papel na difusão de novos valores e novas concepções que passam a orientar a vida da sociedade e, ainda, ajuda a entender de que forma este movimento vem ocorrendo historicamente.

A catalogação das notícias permitiu, ainda, identificar os espaços do jornal em que estas discussões circularam, assim como os períodos em que houve uma maior concentração de notícias. Foi possível perceber, também, por meio da análise destes dois conjuntos de matérias – aquelas referentes à chegada da Missão Rockefeller ao Brasil e ao Instituto de Higiene de São Paulo e as que se referem à Educação e Saúde Pública em seu sentido mais amplo - (ver anexo), de que forma o processo que implicou na criação e posterior oficialização do Instituto apareceu nas páginas do jornal.

Nesse sentido, é possível afirmar que, ao utilizar as páginas do jornal como um veículo de difusão dos novos preceitos higiênicos e como um espaço propício para tornar legítimas as suas concepções, o Instituto buscava alcançar seus propósitos de racionalização e controle social, produzindo ainda formas de difusão e legitimação de um modelo de intervenção baseado na educação sanitária.

Assim, utilizando como justificativa a inexistência de um órgão que centralizasse as decisões sobre saúde pública, a necessidade de se formular uma política nacional de saúde, como também de criar um espaço propício para a centralização da formação profissional e da pesquisa em saúde e, ainda, a importância de se criar um centro destinado à formação de sanitaristas capazes de enfrentar graves desafios nacionais à saúde pública, o Instituto de Higiene de São Paulo ia criando, nas páginas do jornal, um cenário favorável à sua oficialização. Assim, aliado ao objetivo de difundir uma nova proposta no campo da saúde pública estava o de legitimar a atuação do Instituto de Higiene de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPOS, C. *São Paulo pela lente da higiene: as propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para a cidade (1925 – 1945)*. São Paulo: RiMa Editora, 2002.
- CANDEIAS, N. M. F. Memória histórica da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – 1918-1945. *Revista de Saúde Pública*, v. 18, p. 2-60, 1984.
- CAPELATO, M. H. R. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAPELATO, M. H. R.; PRADO, M. L. *O bravo matutino – imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.
- CARVALHO, M. M. C. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, M. C. (org.) *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez: Bragança Paulista (SP): USF, 1997.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.
- DIAS, M. H. O Diário de São Paulo como fonte. In: VIDAL, D. G.; SOUZA, M. C. C. (orgs.). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GONDRA, J. G. A configuração do discurso pedagógico: a contribuição da medicina. In: FARIA FILHO, L. M. (org.) *Educação, modernidade e civilização*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GONDRA, J. G. Medicina, higiene e educação escolar, In: LOPES, E. M. T. et. Al. (orgs.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GONDRA, J. G; ROCHA, H. H. P. Estratégias de higienização da organização escolar: a questão do corpo (1852-1902). *Boletín dela Sociedad Argentina de Historia de la Educación*. 2ª época, n. 1, 2000. p. 33 - 38.

LIMA, I. *A fotografia e a sua linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

LOPES, E. M. T. *Perspectivas históricas da educação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

LOPES, E. M. T.; GALVÃO, A. M. O. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARINHO, M. G. *Norte-americanos no Brasil: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934 – 1952)*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARTINS, L. M. B. “Conselhos ao povo”, educação contra a influenza de 1918. *Cadernos Cedes*, v. 23, n. 59, p. 103-117, 2003.

MELO, J. A C. Educação sanitária: uma visão crítica. *Cadernos Cedes*, n. 4, p. 29-43, 1981.

ROCHA, H. H. P. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1928-1925)*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. Prescrevendo regras de bem viver: cultura escolar e racionalidade científica. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n. 52, p. 55-73, 2000.

SANTOS, L. A C. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia da construção da nacionalidade. *DADOS*, v. 28, p. 193-210, 1985.

VASCONCELLOS, M. P. C. (coord.). *Memória da saúde pública: a fotografia como testemunha*. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: Abrasco, 1995.

VIGARELLO, G. O. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Imprensa

“Fundação Rockefeller. A luta contra a ancylostomose”. *O Estado de São Paulo*, 17/03/1918.

“A Fundação Rockefeller. A luta contra a ancylostomose”. *O Estado de São Paulo*, 18/03/1918.

“Missão Rockefeller”. *O Estado de São Paulo*, 17/12/1918.

“Missão Rockefeller”. *O Estado de São Paulo*, 05/03/1920.

“A Missão Rockefeller. A ancylostomose no Paraná e em Santa Catarina (D’ “O Jornal”)”. *O Estado de São Paulo*, 13/03/1920.

“Educação Sanitária”. *O Estado de São Paulo*, 12/04/1920.

“Os diretores da Missão Rockefeller”. *O Estado de São Paulo*, 18/06/1920.

“Fundação Rockefeller” *O Estado de São Paulo*, 18/11/1920.

“Concurso do Instituto de Higiene – Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo”. *O Estado de São Paulo*, 9 e 10/12/1920.

“Estado Sanitário”. *O Estado de São Paulo*, 8/06/1921.

“Uma campanha nacionalista/ Em prol do saneamento no Brasil (Conferência realizada pelo Dr. Geraldo de Paula Souza, por iniciativa da Liga Nacionalista, no Instituto de Higiene, da Faculdade de Medicina de São Paulo)”. *O Estado de São Paulo*, 16/06/1921.

“Profilaxia do Impaludismo no Brasil”. *O Estado de São Paulo*, 23/11/1921.

“A Fundação Rockefeller. Visita de dois dos seus diretores a São Paulo”. *O Estado de São Paulo*, 23/02/1922.

“Comissão Rockefeller. Banquete oferecido pela Faculdade de Medicina aos Drs. Pearce e Russel”. *O Estado de São Paulo*, 12/03/1922.

“Arnaldo Vieira de Carvalho. As comemorações do 2º aniversário de sua morte. Sessão Comemorativa do Instituto de Higiene. Os discursos. Outras Notas”. *O Estado de São Paulo*, 6/06/1922.

“Instituto de Higiene. A oficialização do Instituto de Higiene. Uma mensagem do Governo ao Congresso Legislativo. *O Estado de São Paulo*, 12/12/1924.

“Exposição de Motivos do Secretário dos Negócios do Interior, Dr. José Manuel Lobo”. *O Estado de São Paulo*, 12/12/1924.

“Funcionamento do Instituto de Higiene”. *O Estado de São Paulo*, 25/12/1924.

A N E X O S

Catálogo das Notícias referentes ao Instituto de Higiene de São Paulo e à chegada da Missão Rockefeller ao Brasil:

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
17 de março de 1918 (Domingo)	03	Fundação Rockefeller	A luta contra a ancylostomose	-
18 de março de 1918 (2ª feira)	03	Notas e Informações	A Fundação Rockefeller	Hoje regularmente conhecida entre nós, a mercê da comissão sanitária para aqui enviada – fixou a sua despesa para o corrente ano em 10 milhões de dólares.
18 de março de 1918 (2ª feira)	04	Fundação Rockefeller	A luta contra a ancylostomose	-
28 de março de 1918 (5ª feira)	04	Telegramas – Interior / Rio	A Fundação Rockefeller	O diretor do Serviço de combate à ancylostomose foi recebido pelo ministro da Agricultura.
17 de dezembro de 1918 (3ª feira)	01	Estados Unidos	Missão Rockefeller	O Dr. George Vincent, presidente da Instituição Rockefeller, que tem uma dotação de 100 milhões de dólares, anunciou que esta instituição, depois de se ter dedicado durante quatro anos ao serviço de guerra, gastando mais de 21 milhões de dólares, entregar-se-á imediatamente ao trabalho de procurar livrar o mundo de doenças...

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
22 de abril de 1919 (5ª feira)	03	-	-	- Do sr. dr. L. W. Hackett, diretor da Fundação Rockefeller no Brasil, o sr. dr. Urbano Santos, ministro da Justiça, recebeu a seguinte carta: "No decreto de reorganização do Serviço de saneamento rural, expedido por v. exa., a 9 de abril do corrente, autorizando o auxílio da União aos Estados que contratem com a referida Fundação o Serviço de profilaxia de duas, ao menos, das endemias rurais. Venho agradecer a v. exa. a honra que assim é conferida à Fundação pelo esclarecido governo de v. exa. e a Justiça que se faz aos seus intuits altruísticos e métodos que ele procura aplicar".
05 de março de 1920 (6ª feira)	02	Interior (Rio)	Missão Rockefeller	O Dr. Carlos Chagas, diretor da Saúde Pública, apresentou hoje ao presidente da república o chefe da Missão Rockefeller.
13 de março de 1920 (Sábado)	05	A Missão Rockefeller	A ancylostomose no Paraná e em Santa Catarina (D' "O Jornal")	Destaque para a atuação da Missão Rockefeller no continente americano.
12 de abril de 1920 (2ª feira)	05	Educação Sanitária	-	Destaque para a importância da educação sanitária na cruzada em prol da saúde pública. Crítica aos dirigentes do nosso país, que não dariam a devida atenção aos problemas de higiene e saúde pública.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
18 de junho de 1920 (6ª feira)	01	Interior (Rio)	Os diretores da Missão Rockefeller	Os drs. Wickliffe Rose e Lewis Hackett, diretores da Missão Rockefeller, hontem chegados a esta capital, visitaram hoje o Sr. Carlos Chagas. Estes visitaram juntos algumas instituições ligadas às questões de higiene e saúde pública.
18 de novembro de 1920 (5ª feira)	01	Notícias do Rio	Fundação Rockefeller	O presidente da Fundação Rockefeller convidou o Sr. Carlos Chagas para visitar os Estados Unidos em dezembro próximo. Accedendo ao convite, o Sr. diretor da Saúde Pública designou o Sr. Plácido Barbosa para, em seu nome, fazer, essa visita, devendo este embarcar sábado próximo com destino à Nova York.
09 e 10 de dezembro de 1920 (5ª e 6ª feira)	03	Ilustração (canto direito)	-	Concurso do Instituto de Higiene - Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo - Ninguém deve cuspir no chão; ainda menos com esta cara! É essa a frase a se reconstituída.
09 de abril de 1921 (Sábado)	03	Notas e informações	-	O sr. prof. Smillie, lente de Higiene da Faculdade de Medicina, visitou ontem, em companhia do sr. dr. Geraldo Paula Souza e da turma de doutorandos do corrente ano, o Instituto Vacinogênico da Capital para assistirem ao processo de preparação da vacina.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
21 de abril de 1921 (5ª feira)	03	Notas e informações	-	A viagem do sr. dr. Borges Vieira, membro do Instituto de Higiene, para a Bahia, onde empregará o método do prof. Noguchi, descobridor do germen e da vacina contra a febre amarela, que está grassando epidemicamente aquele Estado.
08 de junho de 1921	04	Estado Sanitário	-	Trata-se de um alerta do Instituto de Higiene à população no que diz respeito à prevenção de moléstias infecciosas, transmitidas por secreções de boca ou nariz. O Instituto enumera algumas instruções que devem ser evitadas ou, ao contrário, utilizadas.
16 de junho de 1921	03	Anúncio	-	Uma campanha nacionalista / Em prol do saneamento do Brasil / (Conferência realizada pelo Dr. Geraldo de Paula Souza, por iniciativa da Liga Nacionalista, no Instituto de Higiene, da Faculdade de Medicina de São Paulo).
19 de novembro de 1921 (Sábado)	05	Jornaes do Rio – Correio da Manhã	-	A convite do Instituto de Higiene de São Paulo, o Dr. Belizário Penna, seguirá, depois de amanhã, para aquela capital, afim de realizar, no edificio daquele Instituto três preleções sobre as principais endemias que existem no Brasil.
23 de novembro de 1921 (4ª feira)	04	Profilaxia do Impaludismo no Brasil	-	Conferência realizada pelo Dr. Belizário Penna, no Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo, a 22 de novembro.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
23 de fevereiro de 1922 (5ª feira)	04	Notícias Diversas	A "Fundação Rockefeller" – Visita de dois dos seus diretores a São Paulo	Características da Fundação Rockefeller e destaque para a sua excelente atuação nas obras de saneamento realizadas em todo o mundo. Destaque também para a atuação dessa instituição no desenvolvimento e o aperfeiçoamento do ensino médico, fundando novas escolas de medicina e concorrendo para melhorar as já existentes.
12 de março de 1922 (Domingo)	04	Notícias Diversas	Comissão Rockefeller – Banquete oferecido pela Faculdade de Medicina aos Drs. Pearce e Russel	No salão do Automóvel Club, realizou-se hontem, às 20 horas, o banquete oferecido pela Faculdade de Medicina e Cirurgia desta capital, aos Drs. Pearce e Russel, membros da Fundação Rockefeller, que se encontram actualmente nesta capital. Discurso do sr. dr. Alves Lima, saudando os homenageados.
27 de maio de 1922 (Sábado)	03	Notas e Informações	-	Foi designado o Dr. Geraldo Horácio de Paula Souza, lente substituto da 5ª secção da Faculdade de Medicina da Capital para substituir o lente cathedrático da mesma Faculdade, Dr. Wilson G. Smille, durante o seu impedimento por licença.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
06 de junho de 1922 (3ª feira)	04	-	<p>Arnaldo Vieira de Carvalho - As comemorações do 2º aniversário de sua morte - Sessão Comemorativa do Instituto de Hygiene - Os discursos - Outras Notas.</p>	<p>O Instituto de Hygiene, da Faculdade de Medicina, à Rua Brigadeiro Tobias, realizou-se ontem, às 20 horas e meia, uma sessão comemorativa do 2º aniversário de morte do saudoso cientista brasileiro, Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho.</p>
04 de junho de 1924 (4ª feira)	03	Notas e Informações	-	<p>Comunicado sobre a dispensa do Sr. Dr. Geraldo Horácio de Paula Souza, lente catedrático da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, de suas funções naquela Faculdade.</p>
12 de dezembro de 1924 (6ª feira)	07	-	<p>Instituto de Higiene - a oficialização do Instituto de Higiene - uma mensagem do Governo ao Congresso Legislativo</p>	<p>Trata-se de uma Exposição de Motivos sobre a oficialização do Instituto de Higiene, trazendo aspectos acerca da instalação e manutenção do prédio, orçamento das despesas, bolsas de estudos e cursos de higiene para professores.</p>
25 de dezembro de 1924 (5ª feira)	04	Notas e Informações	-	<p>A notícia trata da transformação do projeto nº 73 que dispõe acerca do funcionamento do Instituto de Higiene em lei, pelo Congresso Estadual. São feitas ainda críticas às grandes incongruências e injustiças nele consubstanciadas, de acordo com figuras renomadas do período.</p>

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
16 de abril de 1925 (5ª feira)	02	Notas e Informações	-	Funcionários do Instituto de Higiene pedem uma providência que os habilite a gozar da Caixa Beneficente dos Funcionários Públicos.
22 de agosto de 1925 (Sábado)	03	Notas e Informações	-	Foi nomeado o sr. dr. Geraldo de Paula Souza, catedrático da Faculdade de Medicina, para exercer, em comissão, o cargo de diretor do Instituto de Higiene de São Paulo, cargo que vem exercendo desde 1º de janeiro último.

Catálogo das Notícias referentes à Educação e Higiene:

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
02 de janeiro de 1918 (4ª feira)	06	Notícias Diversas	Queixas e Reclamações	Numerosas são as reclamações que temos recebido contra o modo por que alguns médicos ou auxiliares de médicos sanitários desempenham o seu cargo. São violentos, arbitrários, provocando assim a odiosidade do povo contra o Serviço Sanitário e, especialmente contra algumas das úteis medidas por este posta.
06 de março de 1918 (Quarta)	02	-	O saneamento no Brasil	-
19 de março de 1918 (3ª feira)	04	-	Saneamento do Brasil – 20 milhões de opilados	-

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
06 de abril de 1918 (Sábado)	03	O Estado Sanitário	-	-
13 de abril de 1918 (Sábado)	05	Telegramas – Interior / Rio	O saneamento do Brasil – palavras do Dr. Belizário Penna	-
14 de abril de 1918 (Domingo)	06	Notícias Diversas	-	Dr. Paula Souza – homenagens da Escola Politécnica.
03 de junho de 1918 (2ª feira)	04	Saneamento e Higiene	As novas possibilidades das zonas callidas	Sob esta epígrafe o Sr. Monteiro Lobato, que nesta folha tem tratado do problema do saneamento do país acaba de publicar na “Revista do Brasil”, o seguinte artigo, que contribui para a melhor elucidação das idéias que o Estado tem expendido...
09 de julho de 1918 (3ª feira)	02	Saneamento Rural e Educação Higiênica	-	Conferência realizada pelo Dr. Belizário Penna, em Juiz de Fora, a 22 de junho de 1918, a convite da Sociedade de Medicina e Cirurgia.
24 de agosto de 1918 (Sábado)	06	Notícias Diversas	Curso de Higiene	Terminado, no dia 31 do corrente, o Curso de Higiene elementar, instituído no Instituto Butantan, pelo Sr. Secretário do Interior.
01 de setembro de 1918 (Domingo)	05	Notícias Diversas	Curso de Hygiene	Encerrou-se ontem à tarde no Instituto do Butantan, o curso de higiene pública elementar, ali instituído pela Secretaria do Interior, para o professorado estadual, e que acaba de ser concluído pela primeira turma, constituída de diretores de escolas normais, grupos escolares e escolas reunidas.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
06 de outubro de 1918 (Sábado)	06	-	Eugenia	A notícia fala do aperfeiçoamento da raça humana, que teria sido adquirido com tanta pertinácia e esforços e que corre o risco de perder-se pelo abandono da cultura e conseqüente retorno aos typos ancestrais.
13 de outubro de 1918 (Quinta)	05	-	Eugenia	-
18 de outubro de 1918 (6ª feira)	03	-	Eugenia	-
22 de outubro de 1918 (3ª feira)	02	-	Eugenia	-
09 de novembro de 1918 (Sábado)	02	-	Eugenia	-
14 de março de 1919 (6ª feira)	05	Notícias Diversas	Saúde Pública	A notícia trata da polêmica acerca da manifestação ou não da gripe epidêmica. As opiniões a respeito divergem, no entanto, os dados indicam que os casos têm aumentado.
15 de março de 1919 (Sábado)	04	Notícias Diversas	Saúde Pública	A notícia trata do decreto assinado pelo Sr. Presidente do Estado, que saiu publicado no diário oficial e que declara a gripe epidêmica como doença de notificação compulsória.
17 de março de 1919 (2ª feira)	04	Notícias Diversas	Saúde Pública	O governo decretou a obrigatoriedade da notificação dos casos de gripe. Ignoramos qual tenha sido o resultado desta medida, mas continuamos a acreditar que, seja ele qual for, precisamos de outras que lhe assegurem plenamente a efetividade. Sem uma série de medidas muito enérgicas, energicamente executadas, essa notificação compulsória será sempre uma providência manca.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
18 de março de 1919 (3ª feira)	05	Notícias Diversas	Saúde Pública	Também no Rio, segundo nos informaram os telegramas de hoje, reapareceu a influenza espanhola, com caráter epidêmico, nos quartéis. Mais um motivo para que em São Paulo se tomem sem demora as medidas severas que reclamamos de há dias a esta parte. Como se vê, multiplicam-se os focos de irradiação epidêmica.
19 de março de 1919 (4ª feira)	04	Notícias Diversas	Saúde Pública	A notícia trata de uma carta recebida por um médico paulista e pai de família que pede para que o “Estado” para de fazer alarde acerca da questão da gripe epidêmica, pois acredita que só assim o governo tomará as providências cabíveis.
20 de março de 1919 (5ª feira)	02	Notícias Diversas	Saúde Pública	A notícia traz informações colhidas nos hospitais militares sobre a gripe com o intuito de tentar acalmar o espírito do público. Medidas severas e preventivas estariam sendo tomadas.
20 de março de 1919 (5ª feira)	05	Notícias Diversas	Saúde Pública	A notícia traz dados reais sobre os óbitos provocados pela gripe e crítica, de forma irônica, aqueles que insistem em afirmar que estamos longe de uma epidemia e que não há com o que se preocupar. Destaque para a necessidade de prevenção.
21 de março de 1919 (6ª feira)	04	Notícias Diversas	Saúde Pública	A notícia reconhece a importância da notificação dos casos de gripe, mas destaca que somente esta medida não é suficiente para conter a epidemia. Crítica ainda o fato deste decreto não estar sendo executado da maneira que deveria. Aliado a isto, os enfermos devem ser isolados e o público deve ser bem informado constantemente.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
23 de março de 1919 (Domingo)	05	Notícias Diversas	Os problemas da Higiene	A notícia nos alerta sobre o “perigo dos beijos” em geral, e especialmente dos animais de estimação, hábito muito comum entre as crianças. O beijo seria um disseminador de perigosíssimos micróbios. Sendo assim, este deve ser evitado sempre que possível.
04 de março de 1920 (5ª feira)	03	Notas e Informações	-	A notícia destaca a grandeza dos resultados da campanha saneadora do país, que vem promovendo uma verdadeira obra de reconstrução nacional. No entanto, críticas são feitas aos poucos recursos financeiros destinados à mesma.
05 de março de 1920 (6ª feira)	05	-	Concurso de Higiene Elementar	Reabre-se no dia 08 do corrente, às 13:00hs, no Instituto do Butantã, o curso de higiene pública elementar. Acompanhará a turma o inspetor escolar Sr. José Escobar; o curso contará com uma parte prática e outra recreativa.
07 de março de 1920 (Domingo)	05	Queixas e reclamações	-	Um cidadão residente nesta capital escreve-nos reclamando contra a falta de asseio que se nota na maioria dos cafés, bares e restaurantes da cidade, nos quais bastante freqüentemente teriam que fazer as autoridades municipais e sanitárias afim de acautelar a saúde pública.
10 de março de 1920 (4ª feira)	02	Interior (Rio)	Reforma da Saúde Pública	Será brevemente posta em execução a Reforma da Saúde Pública, que foi dividida em 03 diretorias: a Diretoria dos Serviços Sanitários Terrestres, Diretoria de Defesa Marítima e Fluvial e Diretoria do Saneamento e Profilaxia Rural.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
10 de março de 1920 (4ª feira)	03	Medicina e Guerra	Doenças novas: novos germes	Lição de abertura do curso de clínica médica da Faculdade de Medicina pelo Dr. Ovídio Pires de Campos: <ul style="list-style-type: none"> ◦ A bronquite sanguinolenta ◦ A doença dos ratos ◦ O mal japonês ◦ A encefalite letárgica
11 de março de 1920 (5ª feira)	05	Coisas da Cidade	A falta de esgotos	Crítica feita à falta de saneamento básico em alguns dos bairros mais populosos e importantes de São Paulo. A crítica incide diretamente sobre a atuação do Serviço Sanitário do Estado.
14 de março de 1920 (Domingo)	04	Telegramas / Interior (Rio)	Reorganização dos Serviços Sanitários do Distrito Federal	Os drs. Miguel Couto e Carlos Chagas, diretor da Saúde Pública, conferenciaram hoje demoradamente com o Sr. Alfredo Pinto, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, sobre a reorganização dos Serviços Sanitários do Distrito Federal, principalmente em relação à hospitalização.
15 de março de 1920 (2ª feira)	04	Jornais (*) - "O Jornal"	-	Aplaudindo a iniciativa de se cuidar eficientemente do saneamento do país, e que diz estar concretizada na instituição do Departamento Geral de Saúde Pública diz não bastar, entretanto, essa medida, fazendo-se seu complemento imprescindível na difusão e obrigatoriedade efetiva da instrução popular.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
18 de março de 1920 (5ª feira)	05	Saneamento Rural	-	A Câmara de Orlândia toma a iniciativa de um Congresso Municipal de Higiene.
26 de abril de 1920 (2ª feira)	04	Lavoura e Comércio	Higiene Rural	Nas fazendas, nos sítios, nas chácaras e mesmo nas cidades e vilas não há cuidado na escolha da água para beber. Não são tratados os mananciais, nem ninguém se preocupa com a contaminação do solo, contaminação esta que se estende às águas...
29 de abril de 1920 (5ª feira)	03	Notas e Informações	-	Carta do Sr. Arthur Neiva, diretor do Serviço Sanitário, ao Sr. Presidente do Estado, parabenizando-o pelo brilho de seu governo patriótico e agradecendo pelas facilidades que encontrou durante a sua permanência no cargo.
07 de maio de 1920 (Sábado)	04	-	Consultório de Lactentes	-
08 de maio de 1920 (Sábado)	02	Notas e Informações	-	Visita do sr. dr. Arthur Neiva a São Paulo com o intuito de agradecer a acolhida que recebeu durante sua atuação a frente da direção da repartição do Serviço Sanitário. Foi nomeado então o sr. dr. José de Arruda Sampaio para exercer o cargo. S. s. tomará posse hoje, às 13:00hs.
09 de maio de 1920 (Domingo)	04	Notas e Informações	-	Realizou-se ontem a posse do novo diretor do Serviço Sanitário do Estado, sr. dr. Arruda de Sampaio...
10 de maio de 1920 (2ª feira)	03	-	Homenagem ao Dr. Arthur Neiva	-
11 de maio de 1920 (3ª feira)	03	Notas e Informações	-	Anuncia-se que o novo diretor do Serviço Sanitário cogita promover a adoção e execução de um conjunto de medidas que estejam a sua alçada, afim de combater a falsificação de gêneros alimentícios, bem como o comércio de víveres deteriorados nesta capital.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
16 de maio de 1920 (Domingo)	03	O novo governo	-	Meia hora com o diretor do Serviço Sanitário (Notas de um repórter)
16 de maio de 1920 (Domingo)	05	Notícias Diversas	O saneamento	Destaque para a contaminação em massa da população, alertando, portanto, para a necessidade de bons remédios e bom tratamento aos doentes.
19 de maio de 1920 (4ª feira)	03	Notas e Informações	-	Polêmica gerada sobre a entrevista concedida pelo diretor do Serviço Sanitário, o Dr. Arruda Sampaio. De acordo com alguns, o Dr. teria, nesta entrevista, feito críticas ao Código Sanitário.
20 de maio de 1920 (5ª feira)	03	O novo governo	-	Escreve-nos o Sr. Dr. Arruda Sampaio, diretor do Serviço Sanitário: "A propósito da celeuma que o "Jornal do Comércio" está fazendo sobre a entrevista que tive com o redator d' "O Estado", posso vos afirmar que as minhas idéias sobre o Código Sanitário foram reproduzidas com fidelidade..."
27 de agosto de 1920 (6ª feira)	01	Notícias do Rio	Novo Regulamento da Saúde Pública	Interpelado pela reportagem, o Sr. Carlos Chagas, diretor do Serviço da Saúde Pública, declarou que já está definitivamente assentado que o novo regulamento da repartição a seu cargo seja dado à publicidade em 1º de setembro próximo, entrando em vigor no dia 13 do mesmo mês.
10 de setembro de 1920 (6ª feira)	01	Notícias do Rio	Regulamento da Saúde Pública	Os srs. Alfredo Pinto, ministro da Justiça e negócios Interiores e Carlos Chagas, diretor da Saúde Pública, estiveram hoje no Palácio do Catete, onde conferenciaram com o Sr. Eptácio Pessoa sobre o novo regulamento da saúde pública, especialmente sobre a parte referente aos vencimentos do pessoal dessa repartição.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
11 de setembro de 1920 (Sábado)	07	Queixas e reclamações	Higiene Pública	Pedem-nos chamar a atenção do Serviço Sanitário para os abusos cometidos pelos moradores de um cortiço existente à rua Antônio de Barros, os quais deitam à sarjeta o lixo e a água servida das suas residências, infestando a vizinhança com exalações insuportáveis e nocivas à saúde.
22 de setembro de 1920 (4ª feira)	01	Notícias do Rio	Serviço Sanitário	Segundo consta, deve realizar-se em 1º de outubro próximo a solenidade de inauguração dos novos serviços sanitários que passaram, de acordo com a nova regulamentação, para a jurisdição federal.
26 de setembro de 1920 (Domingo)	06	Queixas e reclamações	Com a Higiene	Pedem-nos reclamar contra a existência no bairro da Lapa de cocheiras em que não há os necessários requisitos higiênicos e que infestam com mau cheiro a vizinhança, além de por em perigo a saúde da população dali.
02 de outubro de 1920 (Sábado)	01	Notícias do Rio	A posse do Dr. Carlos Chagas	Realizou-se hoje no gabinete do ministro da Justiça, sr. Alfredo Pinto, a cerimônia da posse do dr. Carlos Chagas no cargo de diretor do Ministério da Saúde Pública. Estavam presentes quase todos os funcionários da extinta diretoria e admiradores do ilustre cientista.
09 de outubro de 1920 (Sábado)	01	Notícias do Rio	Departamento de Saúde Pública	O Sr. Carlos Chagas conferenciou hoje como os diretores dos diversos serviços do departamento de Saúde Pública sobre a localização e instalação das dependências daquela repartição, algumas criadas e outras reformadas ultimamente.
04 de janeiro de 1921 (3ª feira)	03	Higiene	Problemas sanitários de São Paulo: habitações	-

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
04 de janeiro de 1921 (3ª feira)	12	Ilustrações (remédio)	-	Conserve suas gengivas sãs, conserve seus dentes limpos.
05 de janeiro de 1921 (4ª feira)	01	Notícias do Rio	Propaganda contra a tuberculose	Realizou-se hoje, à tarde, a inauguração da exposição de cartazes destinados à cruzada nacional de propaganda contra a tuberculose, patrocinada pela Sra. Eptácio Pessoa.
06 de janeiro de 1921 (5ª feira)	02	Higiene	Problemas sanitários de São Paulo	III – Moscas/ Lixo/ Estrebarias
08 de janeiro de 1921 (Sábado)	02	Higiene	Problemas Sanitários de São Paulo	IV – Gêneros alimentícios
09 de janeiro de 1921 (Domingo)	06	Fotos de crianças	Em Ribeirão Preto: assistência à infância	Concurso de robustez infantil
10 de janeiro de 1921 (2ª feira)	02	Higiene	Problemas Sanitários de São Paulo	V – Água e Esgotos
11 de janeiro de 1921 (3ª feira)	03	Jornais do Rio (Jornal do Brasil)	-	Em editorial em que critica as últimas iniciativas da diretoria da saúde pública a respeito da profilaxia da tuberculose, escreve O Jornal um comentário a propósito da campanha contra a varíola, no Rio de Janeiro: "Anuncia-se para hoje, enfim, o início do serviço de vacinação e revacinação regular, constante, contínuo e sistematizado..."
12 de janeiro de 1921 (4ª feira)	02	Higiene	Problemas Sanitários de São Paulo	VI – Leite
14 de janeiro de 1921 (6ª feira)	04	Coisas da Cidade	A Higiene dos restaurantes	-

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
10 de março de 1921 (5ª feira)	03	Lavoura e Comércio	O Amarellão	Formas de contágio e prevenção; sintomas da doença.
24 de abril de 1921 (Domingo)	06	Coisas da Cidade	O Estado Sanitário	-
19 de maio de 1921 (5ª feira)	05	Notícias Diversas	Estado Sanitário	Críticas a certos actos ou inações que pareceram inexplicáveis durante a gestão do sr. dr. Arthur Neiva na direcção do Serviço Sanitário. Uma das causas mais frequentes de nossas reclamações era o mau estado sanitário da capital e de vários pontos do interior. Diversas epidemias virulentas nos visitaram.
12 de agosto de 1921 (6ª feira)	06	Serviço Sanitário	Concurso de Robustez – Consultório de Lactentes	Realiza-se hoje, às 12 horas, no Consultório de Lactentes, sito a rua Florêncio de Abreu, 35 – A, a distribuição de prêmios de robustez e assiduidade às crianças que frequentam aquele departamento no Serviço Sanitário.
13 de agosto de 1921 (Sábado)	06	Consultório de Lactentes	A distribuição de prêmios de robustez e assiduidade	-
26 de agosto de 1921 (6ª feira)	02	Notícias do Rio	O Ensino da Higiene – uma conferência do Dr. Theophilo Torres	Na sede da escola prática de Enfermeiros do Departamento de Saúde Pública, o sr. dr. Theophilo Torres realizou a 5ª conferência da série que esta instituição está promovendo, afim de vulgarizar os conhecimentos de hygiene aplicada.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
19 de julho de 1922 (4ª feira)	04	Notícias Diversas	Consultório de Lactentes – Distribuição de prêmios de robustez e de assiduidade – Discurso do Sr. Dr. Clemente Ferreira – Os premiados.	-
02 de outubro de 1923 (3ª feira)	02	Congresso Brasileiro de Higiene	-	Hoje, às 20 horas e 30 realizou-se no edifício do Sylogeu Brasileiro, a sessão inaugural do 1º Congresso Brasileiro de Higiene, com a presença das altas autoridades da República e do Distrito Federal, representantes de todos os Estados da União e de associações científicas.
07 de outubro de 1923 (Domingo)	05	Notícias diversas	1º Congresso Brasileiro de Higiene - as sessões plenas - moções aprovadas - uma representação - conferência sobre o valor das enfermeiras de Saúde Pública.	Prosseguiram no Rio de Janeiro os trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Higiene, que se realizou anteontem, em duas sessões plenas.
08 de outubro de 1923 (2ª feira)	02	Notícias diversas	Primeiro Congresso de Higiene	As sessões plenárias – moções aprovadas – Conferência no Sylogeu.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
09 de outubro de 1923 (3ª feira)	04 e 05	Notícias diversas	Primeiro Congresso de Higiene - sessão de encerramento - as moções votadas - a sede do 2º Congresso.	Realizou-se anteontem um almoço de encerramento oferecido aos membros do Congresso no Palace Hotel, onde foram discutidas algumas propostas que obtiveram ou não aceitação.
29 de janeiro de 1924 (3ª feira)	01	Notícias do Rio	Inspetoria de Higiene Infantil da Saúde Pública	Estabelecimento de um consultório destinado a filhos de mulheres alienadas.
02 de maio de 1924 (6ª feira)	07	Vigilância Sanitária	-	Destaque para a excelente atuação do serviço de Vigilância Sanitária em todo o Estado.
27 de maio de 1924 (3ª feira)	03	Notas e Informações	-	Em virtude das notícias divulgadas sobre a existência em São Roque de casos de meningite cérebro-espinhal e outras moléstias infectuosas, a Diretoria do Serviço Sanitário designou o Sr. Inspetor Bráulio Goulart para seguir hoje para aquela cidade a fim de verificar o estado sanitário local.
15 de junho de 1924 (Domingo)	07	Notícias diversas	O Estado Sanitário	Os casos recentes de meningite, varíola e bubônica.
17 de junho de 1924 (3ª feira)	03	Notas e Informações	-	O possível surgimento de um caso de peste bubônica em São Paulo. Declaração do Serviço Sanitário de que o alarme produzido por esta notícia não se justifica, visto que providências imediatas serão tomadas.
19 de junho de 1924 (5ª feira)	01	Notícias do Rio	2º Congresso Brasileiro de Higiene	A notícia trata de uma conferência realizada entre o Dr. Carlos Chagas e o Diretor de Higiene do Estado de Minas, Dr. Samuel Libanio. Versou a conferência, entre outros assuntos, sobre o 2º Congresso Brasileiro de Higiene.

Data	Pág.	Localização	Título	Resumo da Notícia / Citação
17 de setembro de 1924 (4ª feira)	04	Notícias diversas	Higiene Urbana	Crítica à falta de asseio dos estabelecimentos da cidade de São Paulo e até mesmo dos funcionários que neles trabalham; comparação com os hábitos de higiene da cidade do Rio de Janeiro.
12 de novembro de 1924 (4ª feira)	01	Notícias do Rio	O 2º Congresso Brasileiro de Higiene	Foi adiado até 30 do corrente o prazo para a entrega das teses destinadas ao 2º Congresso Brasileiro de Higiene. Medidas necessárias ao maior brilho daquele Congresso (Dr. Carlos Sá e autoridades mineiras).
09 de dezembro de 1924 (3ª feira)	02	Notícias do Rio	-	Esta notícia traz um telegrama enviado ao presidente da República pelo Dr. Samuel Libanio, parabenizando-o pelas grandes obras de assistência e saúde pública realizadas durante o seu governo, e que puderam ser mostradas no Congresso Brasileiro de Higiene.